Nos. 8 · 1973
D 1973 E

scala

revista
da
república federal
da
alemanha

edição luso-brasileira

Participação do visitante
O Museu Natural de Senckenberg, em Frankfurt

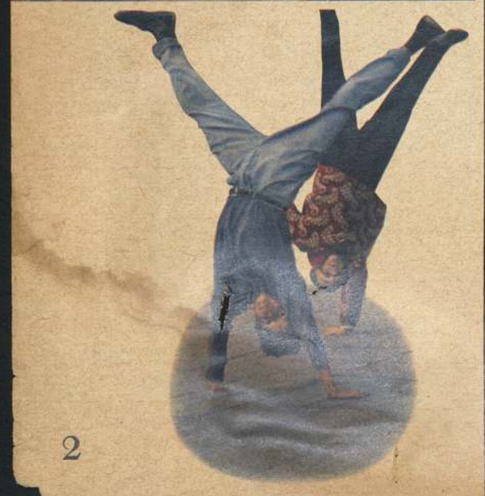
Também nesta edição:

Balanço da conferência:
O núcleo da OTAN continua intacto

Düsseldorf, a charmante
Ver e ser visto

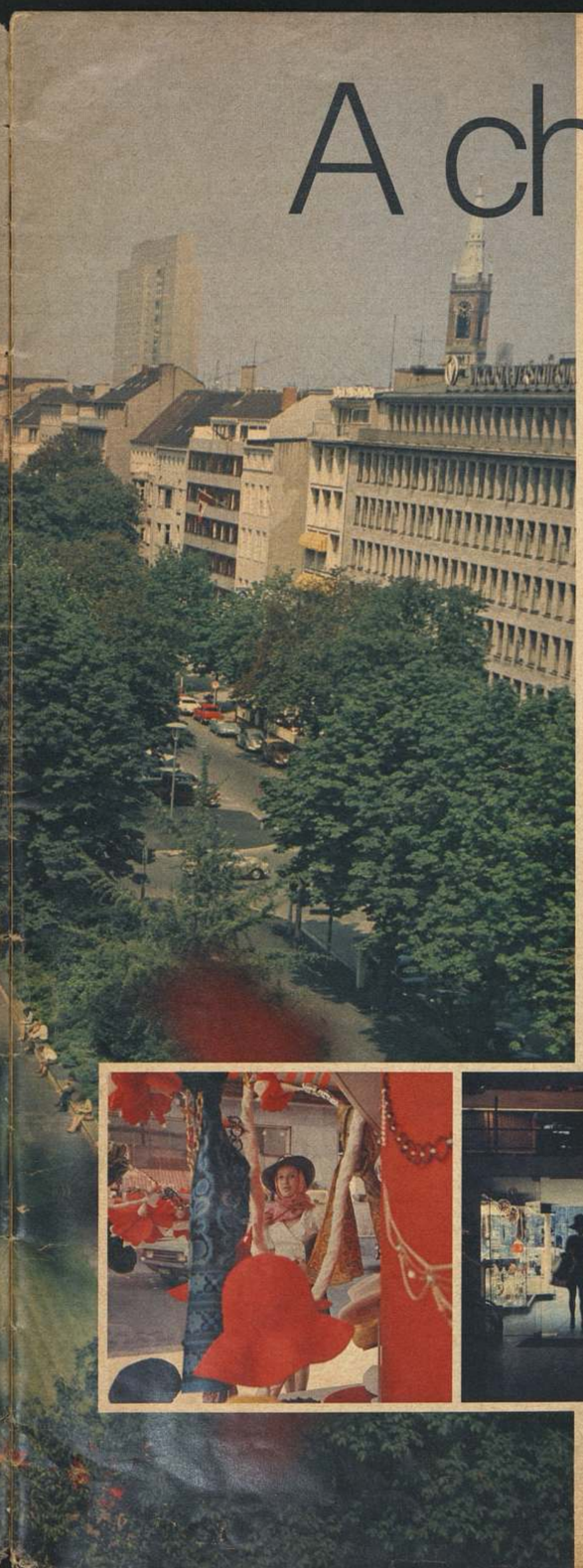
Düsseldorf e a Kö

A Königsallee, a «Kö», é uma rua luxuosa, comparável à Kurfürstendamm de Berlim. De um lado, ela é um paraíso para compras, com famosos restaurantes e lojas elegantes. Os jovens acrobatas de Düsseldorf sempre encontram ali um lugar livre



MPAR0019

A charmosa



Os oradores parlamentares são os que melhor conhecem a instância controladora da contradição: quanto mais a indignação toma conta dos ouvintes, tanto mais certeiramente atingem seu alvo. Aplique-se o mesmo princípio ao coro de opiniões de cidades concorrentes e, então, Düsseldorf deve estar cheia de argumentos especialmente bons. Pois é com desconfiança, admiração e secreta inveja que, por toda parte, se observa a buliçosa atividade da cidade no Reno, com 680.000 habitantes, que, como capital do Estado Federal mais populoso, a Renania do Norte-Vestfália, como ponto de feiras e bancos, como centro comercial e artístico e como meta para compras e horas de lazer, ultrapassou suas vizinhas.

«Escrivaninha da região do Ruhr» é um dos atributos com que é brindada a cidade, cujo nome procede do regato Düssel e que recebeu os direitos de município em 1288. Como tal se entende o papel predominante que Düsseldorf exerce, como centro de conexão do poder econômico. Ali os empresários se acham em casa, ali se joga na Bolsa. Ali – num circuito de 50 km, vivem 8,8 milhões de pessoas – se aglomeram os bancos, as agências de publicidade, as agências de seguro, como também cerca de 500 instituições e organizações: desde a Federação Sindical Alemã até às Câmaras de Comércio da Índia, Suécia, Países Baixos e Japão. E por falar em Japão, Düsseldorf é o maior ponto de apoio comercial do Japão no exterior, com quase 200 filiais, uma escola própria, restaurantes do Extremo Oriente e até um instituto de beleza japonês.

«Pequena Paris» – por trás dessa caracterização da cidade resso a talvez um pouco de ironia, mas, ao mesmo tempo, uma boa dose de respeito. Respeito, pois, ante o fato de Düsseldorf, que extrai 62% do produto social da cidade dos serviços públicos, ter conseguido desenvolver plenamente seu charme urbano, fugindo à sina de uma esterilização como cidade-escritório.

Parisiense mesmo – qualquer outra comparação claudicaria – Düsseldorf se apresenta sobremaneira na «Kö», o suntuoso boulevard de 812 m de comprimento e 82 m de largura, atravessado de um extremo a outro por água, e apresentando duas facetas: pelo lado oeste das alamedas de castanheiras e plátanos, acha-se a inflexível rigidez dos bancos e, em frente, a cadeia de renomadas casas comerciais e restaurantes, a atividade dos «schopping-centers», a ociosidade de olhar e ser olhado. Nesta parte leste, que fez da Kö – após a Kurfürstendamm de Berlim – a mais famosa rua alemã, encontram-se a cada passo cafés ao ar-livre e em ambientes fechados.

O nome «Kö» (abreviatura de Königsallee) é uma desculpa para o fato ocorrido no turbulento ano de 1848, quando os garotos da rua jogaram excrementos de cavalo na comitiva do Rei da Prússia, Frederico Guilherme IV. Com a mudança do nome do local para «Königsallee», os administradores da cidade quiseram conseguir a reparação do acontecido. O nome permaneceu e os descendentes dos transgressores, os atuais estudantes de Düsseldorf, encontram ainda hoje, mesmo na mais densa aglomera-

Centro da moda

As vitrinas e a elegância das mulheres provam: o senso do bom gosto não impera apenas durante a feira da moda

Dinheiro, comércio e atividade

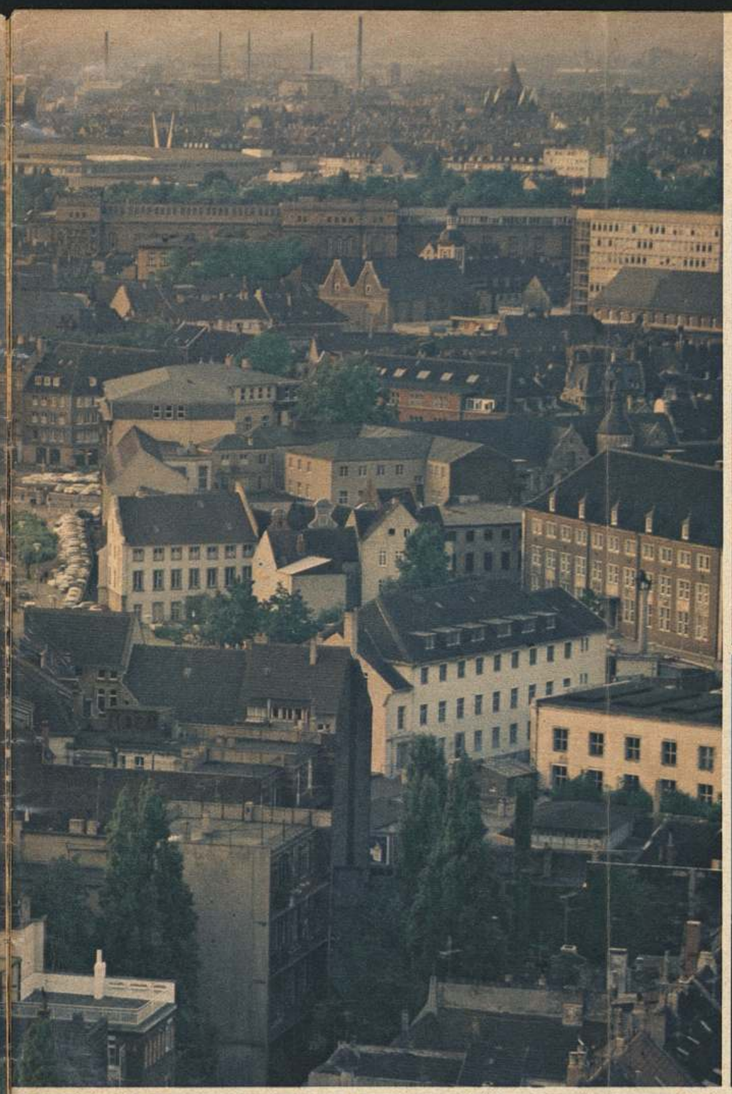
ção da Kö um meio metro quadrado para dar cambalhotas. E como acrobatas de Düsseldorf, eles se tornaram de tal forma parte constituinte da imagem da cidade,que lhes foi dedicada inclusive uma fonte.

Kö significa elegância, moda, o prazer das mulheres de Düsseldorf (e, claro, também das mulheres de outras cidades, atraídas para uma breve visita) de se enfeitarem, de darem um passeio, de colherem olhares de admiração e, talvez, também de exibirem o status e a carteira de seus maridos. O que se vê como último grito nas vitrinas das boutiques e casas de peles finas pode, por isso, ser tido pela vizinha no terraço do Café como realidade cotidiana e toque especial da Kö. Ali se percebe o senso para o bom gosto. Sente-se também a dianteira de Düsseldorf, a cidade da moda, que quatro vezes ao ano se torna, com sua feira internacional da moda «Igedo», um ponto de encontro de lançadores e comerciantes da moda.

Quem achar a Königsallee por demais metropolitana, turística, mundana, esse pode encontrar, logo ali ao lado, na cidade velha, uma atmosfera mais íntima e não menos atrativa. Numa área com cerca de um quilômetro quadrado, muitas vezes por trás de fachadas centenárias, apinha-se uma porção de casas comerciais e lojinhas. Nenhum estatístico ainda se deu ao trabalho de calcular o comprimento total dos balcões dos 200 botequins, restaurantes, cafés e bares ali instalados. Mas, à noite, quando na Kö as luzes já esmorecem, todos os lugares nos bares e porões de jazz se acham tomados. Ali as coisas correm sem «streap-teases» nem imposturas, de maneira séria e alegre, mas não provinciana. A confusão lingüística não deveria aqui enganar; os moradores de Düsseldorf são, de longe, maioria nessa atividade da cidade velha, onde afinal também se acha sua prefeitura, e para onde seu prato predileto, os mariscos, os atrai, e a cerveja jorra. Ali são analisados os últimos lances de seus ídolos futebolísticos da equipe do «Fortuna» e debatidos os sucessos de seus favoritos do hóquei em patins.

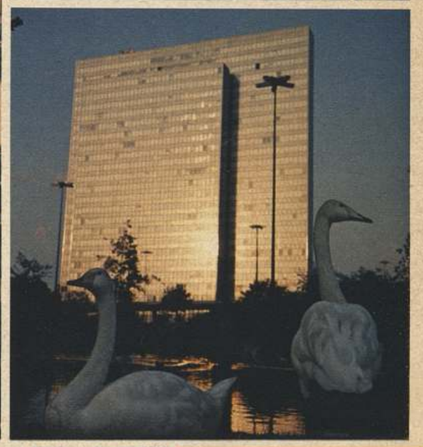
E ali, por fim, a gente se encontra diretamente no Reno, pode fazer vibrar com os olhos as gigantescas harpas das três pontes suspensas, e, olhando rio abaixo, imaginar a amplidão da paisagem e a proximidade da Holanda.

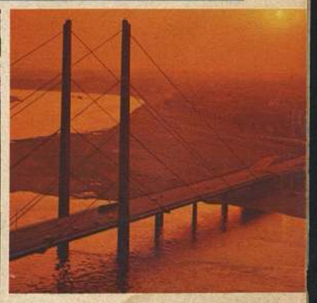
Atividade e comércio têm em Düsseldorf muitas variantes. «Ali se gasta o dinheiro que foi ganho em outros lugares», cochicha-se às escondidas nas cidades concorrentes. Neste caso se ignora, porém, a base industrial da cidade, ainda hoje imponente com suas indústrias



Cidade no Reno

Düsseldorf é a sede do governo estadual da Renânia do Norte-Vestfália. Abaixo: a Prefeitura, com a escultura de Jan-Wellem e o edifício da Thyssen





Centro comercial

Nos edifícios de escritórios do centro (à esquerda, o edifício da Mannesmann), os executivos estão em casa. O comércio, a indústria e o transporte formam, ao lado da administração, a base econômica

Cenas culturais

Opera, teatro, célebres museus e acontecimentos artísticos espetaculares definem o cenário cultural. À direita: a nova «Schauspielhaus» e a coleção de porcelana do castelo Jägerhof

Impulsos

A Academia de Arte, com 200 anos, ainda cheia de impulsos. À esquerda: quadros de Paul Klee, que aí ensinou. Ao lado: uma aula de pintura do Prof. Geiger

Na cidade velha: cafés, bares e botequins

Seja tomando a cerveja em pé, na rua (foto acima) ou num drinque em ambiente náutico, ou comendo um leitão assado servido com rapidez – na cidade velha zela-se por todo tipo de gosto

Fotos: Hauswald e Heckenroth

Teatro, ópera, arte e cabarés

químicas, acearias, laminação e fabricação de máquinas. E se esquece os «serviços de ligação» que Düsseldorf presta a toda a região do Ruhr e do Reno: com o aeroporto próximo à cidade e seus milhões de passageiros anuais, com a multiplicidade de feiras especializadas e exposições no novo campo da feira, realmente elegante e super-funcional, com o carnaval que – seguido pela vizinha cidade de Colônia com olhares de inveja –, nos dias dos folguedos antes da quarta-feira de cinzas, atrai centenas de milhares de pessoas.

Mas, tudo isso é apenas um lado da cidade, que extrai sua fama também de fontes mais serenas. Dessas faz parte a Academia de Arte, com 200 anos de existência, que, especialmente no século XIX, possuía força de irradiação internacional e, entre outras, fecundou também a pintura da Escandinávia e dos EUA. As ações espetaculares do professor Joseph Beuys provaram, há alguns anos, que essa Academia, na qual também Paul Klee ensinou, continua ainda hoje cheia de atividade e impulsos. Que outra explicação se poderia dar para o fato de o Grupo «Zero» se ter reunido, no último decênio, precisamente em Düsseldorf, e, com Piene, Mack e Uecker, ter conseguido renome internacional? E de que outra forma se poderia explicar o fato de Düsseldorf se ter desenvolvido num centro do comércio artístico, que igualmente se consagrou, consideravelmente, à arte de vanguarda?

Da fama de Düsseldorf fazem parte, não em menor escala, seus museus – também eles com a arte moderna como ponto central – e a «Schauspielhaus» (Casa de Espetáculos) elevada por Gustaf Gründgens, após a última Guerra, à categoria de teatro internacional. Não menos importante é a «Deutsche Oper am Rhein» (Opera Alemã no Reno), que atua no setor do teatro em comunhão com a vizinha cidade de Duisburgo. E, apenas a título de complemento da vida cultural desconcertantemente diversificada, seja notado que a cidade natal do poeta Heinrich Heine, tão seguidamente incompreendido, um dos poucos cabaretistas literários alemães, alberga a «Kom(m)ödchen» (Teatro Satírico) e é, desde 1965, cidade universitária, quando a Academia Médica transformou-se em Escola Superior completa.

A cidade foi chamada pelos invejosos de «nova-rica» e esnobe. No entanto, ela apenas se acha voltada para o futuro. Ela prospera, mas também permite prosperar. Ela se alegra com seus sucessos, mas também permite que se partilhe da festa. Ela não é presunçosa, se bem que, por vezes, mostre-se orgulhosa de si. E para tanto ela tem muitos motivos.

Josef Surholt

Famoso por seus macaquinhos

A propaganda do Zoo de Frankfurt é feita sobretudo pelos macacos do cartaz ao lado. Por uma razão muito simples: são os macacos de Frankfurt que tornam este Jardim Zoológico famoso no mundo inteiro. Já há muitos anos, começou o «Dispensário de Macacos» a criar à mamadeira quatro espécies de antropóides. Além destas, existem ainda outros sucessos de criação, que despertaram grande interesse, como, por exemplo, no caso dos ocapis, dos bongos e das gazelas. Tais sensações atraem ao Zoo de Frankfurt cerca de três milhões de visitantes por ano – o que o coloca na posição do jardim zoológico mais visitado da Europa. 3.500 animais de setecentas espécies diferentes estão expostos. Comparado com outros, não é muito. Este Jardim Zoológico renunciou, porém, propositadamente, à quantidade, para poder alcançar melhor qualidade. O Zoo de Frankfurt ficou famoso também através da atividade do eminente zoólogo Professor Bernhard Grzimek, por longos anos seu diretor.

scala N.º 8/1975 · Edição Luso-Brasileira

INDICE

POLÍTICA

A conferência da auto-análise
A assembléia da primavera do Conselho de Ministros da OTAN **10**

«Saludos» para a Bolívia
O sesquicentenário da independência boliviana **30**

«Não fugimos da nossa História»
O presidente Walter Scheel, ao ensejo do trigésimo aniversário do fim da II Guerra Mundial na Europa **34**

PANORAMA DA ALEMANHA

Düsseldorf, a charmante
A cidade das mostras, da moda, da arte e do comércio **2**

Convivas da Idade Média
Prazeres culinários no castelo de Guttenberg, às margens do Neckar **42**

CULTURA

Toulouse dá o exemplo
Um «Mês Alemão», ao invés de um custoso festival cultural
Informações atuais **14**

TÉCNICA

O novo colosso de Berlim
O aeroporto de Berlim-Tegel ainda é reservado, por enquanto, aos vôos fretados e de férias **16**

ECONOMIA

Castillio de los Lobos
A «Volkswagen» completa 10 anos em Puebla **22**

PESQUISA

Gente, espíritos e demônios
O médico Roland Werner entre os «Mah Meri» e «Jah-Hêt», na Malásia **18**

CIÊNCIA

Diálogo com animais e pedras
O Museu Natural de Senckenberg, em Frankfurt **44**

INFORMAÇÃO

A Baixa Saxônia
Através dos Estados da República Federal da Alemanha **23**

NOTÍCIAS DA ALEMANHA

Atualidades Scala
Notinhas de primeira **38**

O QUE SE COME NA ALEMANHA

Linguado no azeite e pudim de pão
Duas especialidades de Hamburgo **41**

Editor Werner Wirthle

Redação: Gerhard Hofmann (responsável pelo conteúdo), Gerhard Mersinger (chefe dos serviços gerais), Hans-Joachim Heinrich, Jochen Trüby · Paginador: Heinrich Müller · Chefe do Departamento de Tradução: Jürgen Cramm · Tradutores: A. Bim, Guy Canto, J. M. Domínguez, E. de Rezende Martins, L. A. Marcuschi, Rubem Thomé, Eliseo Turrado, E. Garzon Valdes, Peter Williams · Não nos responsabilizamos pela devolução de manuscritos e fotografias não encomendados · Editora: Frankfurter Societäts-Druckerei GmbH, 6 Frankfurt/Main 1, Postfach 2929, Frankenallee 71–81 · Diretor de publicidade: Reinhard Tölg · Diretor comercial: Hans-Joachim Broeker · Impressora: Frankfurter Societäts-Druckerei GmbH · © Copyright by Frankfurter Societäts-Druckerei GmbH 1975 · GW ISSN 0036-5416 · scala Printed in Germany · Telef.: Frankfurt/Main 75011 · End. telegr.: Zeitung Frankfurtmain · Teletipo: 04-11655 · Membro da agência de exame oficial de concorrência da Alemanha

Berlim continua um teste

Houve muitas mudanças na política internacional, desde que os embaixadores dos EUA, da Grã-Bretanha, da França e da União Soviética assinaram, em 3 de setembro de 1971, num ato solene, o Acordo das Quatro Potências sobre Berlim. O Governo de Bonn e o Senado de Berlim passaram, metodicamente, a dar vida ao tratado, na medida das suas possibilidades. Foram conseguidas, por meio de negociações tenazes, melhorias nas relações entre as duas partes da cidade de Berlim e entre os dois Estados alemães. O número crescente de viagens ao outro lado vem dando testemunho disso. Tanto em Bonn, como em Berlim Ocidental, continuam-se os trabalhos em prol da estabilização da coexistência pacífica.

Constitui princípio declarado do Acordo das Quatro Potências a eliminação de tensões e a prevenção de complicações em Berlim. O Governo de Bonn e o Senado de Berlim continuarão a cumprir, cuidadosamente, as obrigações daí resultantes. Mas, também não deixarão de impor, plena e ilimitadamente, os direitos derivados do acordo. Continua sendo de importância decisiva a declaração das quatro potências de que ficarão mantidos e serão desenvolvidos os vínculos entre Berlim Ocidental e a República Federal da Alemanha. Não são concebíveis de outra maneira o desenvolvimento e evolução livres de Berlim.

Tanto em Bonn, como em Berlim, não há dúvida de que as potências ocidentais defendem, plenamente, a sua responsabilidade pela cidade dividida. Sob essa proteção, os berlinenses sentem-se seguros. O «status» de Berlim está garantido pelo direito internacional. Os estatutos das quatro potências continuam vigorando, inalteradamente, para toda a cidade; pois permanecem em vigor os direitos e responsabilidades originários das quatro potências vitoriosas na II Guerra Mundial em relação à Berlim. Desde que o Protocolo de Londres, de 12 de setembro de 1944, declarou ser a Grande Berlim uma região especial – isto é, separada da Zona de Ocupação Soviética –, tal «status» só pode ser modificado com o consentimento das quatro potências. Isso ainda não aconteceu.

Que os direitos comuns dos Quatro permaneceram inalterados ficou assentado, também, no Acordo de Berlim, bem como em uma declaração feita pelas potências em apreço, quando da admissão dos dois Estados alemães na ONU. Conseqüentemente, a República Federal da Alemanha empenhou-se, na Conferência de Genebra sobre Segurança e Cooperação na Europa, em prol de que nao fosse afetada pelas novas regras de convivência dos povos europeus a responsabilidade das quatro potências vitoriosas para com a Alemanha, como um todo, e para com Berlim. As fronteiras da Europa Central não podem e não devem ficar tão solidificadas, a ponto de não poderem ser reabertas, com a ajuda das grandes potências. Também em Berlim.

A situação legal de Berlim é clara. Agora, se for levada em conta nas relações entre Leste e Oeste, constitui um problema político. Pode ter conseqüências imediatas para a paz internacional. A história das crises de Berlim ensina que existe uma correlação essencial entre a situação de Berlim e a distensão. É essa bússula que indica, ainda, hoje o caminho preciso.

Conferência de auto-análise

O núcleo da OTAN – a solidariedade euro-norte-americana – continua intacto

Desta vez, a conferência anual primaveril do Conselho de Ministros da OTAN teve, já externamente, um decurso especial. Reuniram-se em Bruxelas, em 29 e 30 de maio de 1975, os chefes de Estado e de Governo, entre eles, também, o presidente dos Estados Unidos, Gerald Ford, a fim de reexaminar a situação da Aliança, num momento importante da política internacional. Mas não foi a hora das grandes decisões e discursos. A tônica esteve nos encontros pessoais entre os líderes políticos do Ocidente. Em muitos colóquios individuais, foi deliberado o rumo a ser seguido pela comunidade atlântica – tanto interna, quanto externamente. O que se realizou em Bruxelas foi uma conferência de introspecção, constituindo ponto central a questão da solidariedade dos parceiros da Aliança, que, desde 26 anos, vem contribuindo para um equilíbrio pacífico no mundo.

O presidente Ford veio à Europa, num momento em que os EUA vêm reexaminando a política que seguiram até agora. Um ponto essencial não se modificou: a sua firma solidariedade com os parceiros da OTAN. A declaração do presidente Ford em Bruxelas, de que os Estados Unidos cumprirão, incondicional e inequivocamente, as obrigações assumidas com a assinatura do Pacto do Atlântico do Norte, sublinhou a inalterada coesão da Aliança. Por mais que se tenha discutido a carga de responsabilidades internacionais dos EUA, o balancete apresentado no Parlamento Federal, em Bonn, pela chanceler federal Helmut Schmidt, depois da Conferência da OTAN, pôde ser tão breve quanto inequívoco: o cerne de Aliança – a solidariedade euro-norte-americana – continua intacto.

Já na reunião de abertura no quartel-general da OTAN, em Bruxelas, ficou claro que os temas dessa conferência seriam várias ponderações críticas. A isso também se referiram os múltiplos colóquios individuais; a foto à direita mostra o presidente norte-americano Ford (à esquerda) com o chanceler alemão Helmut Schmidt e o ministro do Exterior Hans-Dietrich Genscher.

Aliança da segurança e liberdade

O escopo da Aliança continua inalterado: resguardar a independência e segurança de seus membros, e possibilitar uma paz duradoura. Os parceiros da Conferência de Bruxelas verificaram um aumento das Forças Armadas do Pacto de Varsóvia, para além de qualquer necessidade visível de defesa. Se se tiver em mente as dificuldades que a situação econômica internacional está causando à OTAN, no seu empenho de manter a autodefesa em um nível satisfatório, então só se pode enfrentar o desafio comum – e decididamente. No seu comunicado final, os parceiros da Aliança deixaram claro, mais uma vez, que a segurança coletiva – baseada na capacidade fidedigna de amedrontar e defender – continua um fator estabilizante das relações internacionais. Entendimento e cooperação com o Leste é fruto da segurança da Aliança da OTAN.

O resultado da Conferência de Segurança e Cooperação na Europa (CSCE), reunida em Genebra desde 1973, será um teste da vontade do Ocidente em cooperar. O chanceler federal Schmidt declarou, no Parlamento Federal, que, ultimamente, aumentaram as perspectivas de se chegar a regulamentos satisfatórios em Genebra. Justamente para o Governo de Bonn, trata-se de assuntos de capital importância. Conta com um resultado da conferência, que não exclui a possibilidade de modificações pacíficas de fronteiras. Também fazem parte do catálogo dos desejos mais importantes de Bonn a melhoria dos contatos humanos entre Leste e Oeste, bem como o intercâmbio de informações. Por mais claros que forem os novos regulamentos da cooperação, progressos na colaboração com o Ocidente só haverá, quando lá as palavras forem seguidas por atos.

Durante as longas negociações de Genebra, pôde-se observar como funcionara bem a cooperação dos parceiros europeus e atlânticos para com os outros países. A conferência comprovou a capacidade do Ocidente para uma solidariedade prática. Mas, em Bruxelas, os estadistas não puderam deixar de ver o fato de que a coesão interna da OTAN está exposta a provas de resistência. Os parceiros da Aliança ainda não encontraram solução para os problemas resultantes das divergências de opinião entre a Grécia e Turquia sobre a questão de Chipre. Mas, no entender do chanceler federal Schmidt, foram animadoras as palestras mantidas entre os presidentes do Conselho de Ministros em Bruxelas – tendo o Governo de Bonn participado dos preparativos.

Preocupações quanto ao desenvolvimento em Portugal

Ainda ficou também em aberto o caminho a ser tomado pelo desenvolvimento em Portugal. O chefe do Governo de Bonn deu a entender a seu colega português, Vasco Gonçalves, que a instituição de um regime comunista em Portugal não seria compatível com a associação na OTAN. O Governo alemão tem toda a compreensão pelas dificuldades que estão surgindo na criação de uma sociedade democrática em um país que teve de viver, durante tanto tempo, sob uma ditadura. Considera um fato importante que se criem em Portugal condições econômicas estáveis. Quando da visita do ministro dos Negócios Estrangeiros, ma-

Conferência de auto-análise

Discussões também durante as pausas; o presidente Ford conversando com o presidente da França Giscard d'Estaing (foto ao alto) e o rei Baudouin, da Bélgica. Abaixo: o primeiro-ministro da Grécia, Karamanlis (no meio), e o chanceler federal Schmidt.

mento, não deixou de surtir efeito entre os parceiros da Aliança. Segundo o chanceler, todos os indícios evidenciam que a economia internacional ainda não conseguiu superar a recessão, ocorrida «de forma sobremaneira grave». De modo que a meta principal deveria ser a de conseguir economias nacionais saudáveis e uma eliminação do desemprego. Mas, isso não poderia ser alcançado, sem uma atuação harmonizada e um mútuo apoio dos países.

Com maior disciplina contra a inflação

No seu programa econômico, Schmidt reivindicou, entre outras coisas, um maior engajamento do Fundo Monetário Internacional na política de desenvolvimento e uma coordenação da política internacional no campo monetário e dos juros – sobretudo para investimentos –, bem como maior disciplina na política de renda para frear a inflação. Advogou com ênfase o reatamento do diálogo entre produtores e consumidores petrolíferos e países em desenvolvimento. Os países produtores de petróleos e os países em desenvolvimento deveriam reconhecer – disse no Parlamento – que uma reviravolta na economia internacional também só lhes poderia trazer desvantagens. Os países industrializados do Ocidente estão, agora, dispostos a falar com os outros dois grupos de países também sobre questões gerais relativas às matérias-primas.

«A sociedade de maior êxito na Europa»

Para muitos observadores da Conferência de Bruxelas, não constituiu mero acaso que, justamente, o chanceler federal alemão colocasse no centro de sua contribuição à Conferência da OTAN problemas da estabilidade econômica. A República Federal da Alemanha não vem apenas prestando uma das mais importantes contribuições para a força militar da OTAN. Evidencia-se, também, conforme afirma um artigo de fundo do «Frankfurter Allgemeine Zeitung», como «condições internas estáveis, a ausência de graves conflitos sociais, uma estrutura sindical moderna e disciplina na política monetária vêm atribuindo a Bonn, inevitavelmente, uma responsabilidade cada vez maior». A revista norte-americana «Time» publicou, uma semana antes da Conferência da OTAN, na sua primeira página, um artigo intitulado – «A sociedade mais bem sucedida da Europa – Alemanha Ocidental».

A reunião primaveril da Aliança Atlântica fortificou o desejo de solidariedade, apoiado na garantia dos EUA de quererem continuar, ilimitadamente, engajados na Europa. Essa solidariedade inclui, também, o problema do papel da Europa Ocidental na OTAN. O chanceler Helmut Schmidt declarou, em Bruxelas, a esse respeito – juntamente com o Presidente de Conselho de Ministros da Bélgica e o ministro do Exterior da França –, que, no seu entender, o processo da unificação européia constituiria uma contribuição importante para fortalecer a Aliança. Com a decisão de uma grande maioria da população da Grã-Bretanha a favor de sua permanência na CEE, foi dado outro passo importante nessa direção, confirmando a força vital da Comunidade Européia.

Confiança no papel de liderança dos EUA

A Assembléia da União da Europa Ocidental em Bonn, pouco tempo antes da Conferência da OTAN para comemorar o 20° aniversário da fundação dessa organização política européia, constituiu um ensejo para refletir sobre o amplo efeito dos sistemas de alianças ocidentais. O ministro da Defesa de Bonn, Georg Leber, sublinhou, na assembléia, o quanto a República Federal deve a essas alianças. Sob a sua égide, desenvolveu-se um Estado que, como nenhum outro na história alemã, pratica a liberdade, o direito e a justiça social. Se se pergunta, hoje, pelo papel que a Europa poderia desempenhar no mundo, vale, então, primeiramente, para o Governo de Bonn, o seguinte princípio: Os EUA deveriam estar certos de que os seus parceiros europeus continuam seus firmes aliados, tendo confianca, também no futuro, no seu papel de liderança.

Só a união pode convencer

Essas boas relações com os EUA não são consideradas obstáculos pelo Governo de Bonn, mas, sim, um encorajamento no seu empenho de tornar a Europe um parceiro autêntico de Washington. A reivindicação de um papel importante em questões políticas internacionais, no entanto, só se tornará convincente, quando a Europa falar com uma só voz.

Richard Lassing

jor Melo Antunes, a Bonn, em fins de maio de 1975, o ministro do Exterior alemão prometeu-lhe ajuda.

As negociações intensas e enfáticas travadas em Bruxelas evidenciaram, abertamente, os pontos fracos da Aliança. Essa franqueza exigiu, também, que se lançasse uma olhadela para a estreita relação existente entre a política e a economia. Diante dos estadistas ocidentais, o chanceler alemão defendeu a tese de que a Aliança está menos ameaçada militarmente do que pela situação crítica da economia internacional. Ele apresentou um plano de estabilização, que, como declarou, mais tarde, no Parla-

Voos made in Germany. À sua disposição em todo o mundo.

Temos 273 escritórios. Em todos os continentes.

Para quem voa muito.

Lufthansa
Linhas Aéreas Alemãs

Toulouse dá o exemplo

O método e o estilo do programa cultural da República Federal da Alemanha no exterior passaram, nos últimos anos, por uma evolução, que foi pouco notada pelo grande público, tanto no país, quanto no estrangeiro. As atividades dos Institutos Goethe apresentam a característica essencial desta mudança: uma colaboração estreita e profunda com os associados interessados e competentes nos países anfitriões. Tal cooperação, que tem como pressuposto o conhecimento das diferentes necessidades culturais de cada país, já começa a dar seus primeiros frutos para o planejamento conjunto.

Moderno e experimental

O «Mês da Alemanha», realizado recentemente em Toulouse, é exemplo de uma tal cooperação. Os entendimentos prévios, o planejamento, os preparativos concretos e os últimos ensaios tomaram mais de um ano e meio, até que o ciclo de atividades propriamente dito pudesse começar. Constante do programa e dos cartazes em primeiro lugar, como organizador, o Centro Cultural de Toulouse contou com a colaboração do Instituto Goethe local, na qualidade de coorganizador, cofinanciador, consultor e ponto de encontro para os artistas e promotores culturais alemães. O diretor do Centro Cultural Municipal teve, inicialmente, a esperança de poder receber os grandes nomes representativos da cultura alemã e compor, assim, um programa que refletisse a imagem da Alemanha, já internacionalmente conhecida: incluindo nomes famosos de compositores, pintores, literatos e cientistas, já há muito desaparecidos. Com muita objetividade, o diretor do Instituto Goethe de Toulouse conseguiu convencer seu colega francês de que a criatividade artística contemporânea na República Federal da Alemanha apresenta produções e tendências suficientemente experimental atrairia certa tação defendia o ponto de vista de que um programa moderno e altamente experimental atrairia certamente, com mais facilidade, a geração francesa jovem e crítica.

Pintura, arte gráfica, fotografia

Assim é que se chegou a uma seleção de mais de 140 originais de jovens pintores alemães, em cujos trabalhos transparece, sensivelmente, a relação entre criatividade, técnica e engajamento social. Uma outra exposição informou sobre a arte gráfica alemã contemporânea. Reunida pela revista alemã «Stern», a Exposição Mundial da Fotografia apresentou em fotografias atuais os mais renomados fotógrafos de todo o mundo. Esta mostra fotográfica foi exposta no centro cultural de uma grande indústria aeronáutica, na periferia de Toulouse.

As fotografias foram atentamente apreciadas pelos filhos dos operários, que passavam as tardes no centro cultural, a fazer seus deveres de casa, e pelos próprios operários, alunos de cursos noturnos de aperfeiçoamento profissional ou participantes dos treinos de judô, onde buscam manter a forma. Por toda a cidade haviam sido distribuídos os demais painéis documentários do «Mês da Alemanha»: sobre Schwabing, bairro de Munique, sobre a nova cidade de Wulfen, obra do arquiteto Mies van der Rohe, e sobre problemas do planejamento urbano da República Federal. Durante este mês, a Biblioteca Municipal de Toulouse teve oportunidade de apresentar, em conjunto, seu acervo de valiosos livros em língua alemã e sobre a Alemanha, entre os quais se encontram edições antigas, surgidas pouco após a invenção da imprensa e executadas, em Toulouse, por impressores de Heidelberg e da Basiléia.

Cinema, música, teatro

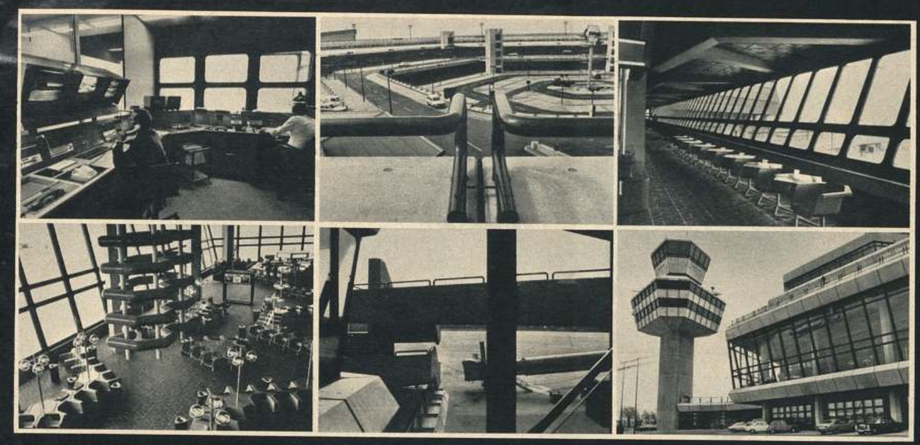
Atendendo a uma clara finalidade didática, organizaram-se, igualmente, discussões sobre o tema «Vida cultural na República Federal», entre colegiais de Toulouse e correspondentes parienses dos jornais diários e semanários alemães. Para os fãs do cinema, a Cinemateca de Toulouse organizou uma retrospectiva de dois decênios de cinema alemão. Os filmes alemães mais recentes foram incluídos no programa do Instituto Goethe e trouxeram o complemento da atualidade. Filmes de exame dos estudantes de cinema de Berlim foram projetados pelo diretor da Escola Superior de Cinema de Berlim.

O público de Toulouse pôde ter uma idéia qualitativa da nova geração artística da República Federal da Alemanha e de Berlim Ocidental também mediante outras atividades: dois concertos executados por estudantes da Escola Nacional de Música de Berlim e a representação das «Conversas de um refugiado», de Bert Brecht, sob a direção de um jovem diretor de Hamburgo.

A intenção dos Institutos Goethe de apresentar, ao invés de um festival cultural dispendioso, informações sobre a República Federal da Alemanha que sejam de interesse para o país anfitrião e, na medida do possível, atualizadas ao máximo, foi concretizada, com sucesso, em Toulouse.

Bernhard Wittek

O compositor Mauricio Kagel, de Colônia (foto acima, com a flauta-doce), deu um concerto com composições pessoais. A foto ao lado mostra uma discussão entre colegiais de Toulouse e jornalistas alemães, da esquerda para a direita: Dr. Klaus-Jürgen Schmid («Die Zeit»), Ruth Henry («Frankfurter Rundschau») e Dr. Werner Bökenkamp («Frankfurter Allgemeine Zeitung»). A Exposição de Pintura ocupou uma grande área – a foto à esquerda foi tomada na exposição dos «Neorealistas alemães». O Teatro Experimental do Centro Cultural montou em francês as «Conversas de um refugiado», de Bert Brecht, um dos maiores dramaturgos do mundo (Fotos de H. Seiler)



Calma antes da partida

Berlim-Tegel ainda parece um aeroporto fantasma, reservado ao tráfego de excursões e turistas. Mas, o mais tardar a partir de novembro deste ano, os superlativos de Berlim-Tegel deverão ser aproveitados totalmente

Fotografias: M. Jacoby

O novo colosso de Berlim

Ele é denominado o «colosso» e merece tais superlativos. O novo aeroporto Berlim-Tegel, que substituirá, em poucos meses, o aeroporto central de Tempelhof, comprovado e famoso, é um dos mais modernos da Europa. Sua história soa como o conto do patinho feio, que virou o cisne soberbo: há 100 anos, o terreno em Tegel era uma carreira de tiro. Em 1930, então, transformou-se num campo de manobras para construtores de dirigíveis e foguetes, entre os quais o jovem Wernher von Braun. Também o Conde de Zeppelin já aterrisara ali uma vez – em 1909 –, com seu «Zeppelin Z 3», após um vôo de dois dias, iniciado em Friedrichshafen. Mas, a hora do nascimento para o aeroporto Tegel soou durante o bloqueio de Berlim, quando Tempelhof e os aeroportos militares não foram mais suficientes para o abastecimento aéreo da cidade. Em menos de três meses, quase 20 mil trabalhadores e trabalhadoras berlinenses transformaram o campo de manobras militares num aeroporto para a ponte aérea.

Desde 1960, Tegel é utilizado para o tráfego aéreo civil; e, em 1963, o então prefeito Willy Brandt e o Governo militar francês, em cuja zona Tegel se encontra, decidiram construir um novo aeroporto. Os motivos para isto eram inequívocos: um segundo aeroporto civil funcional é, especialmente devido à situação isolada de Berlim, de significado primordial – caso, por exemplo, devido a condições atmosféricas inadequadas, panes ou defeitos, um dos aeroportos precisasse ser fechado temporariamente.

A capacidade do aeroporto central de Tempelhof estaria esgotada, num futuro próximo, com o aumento crescente de passageiros. Além disso, o emprego sempre maior de aviões a jato, em lugar de aeronaves a hélices, teria criado problemas técnicos e de meio-ambiente para Tempelhof, com suas pistas curtas, situadas no centro da cidade.

Mas, o tempo deixou a concepção de dez anos atrás um pouco ultrapassada: através do Acordo de Trânsito, o número de passageiros no tráfego para Berlim diminuiu; as autopistas são, agora, utilizadas com mais frequência. Se, em 1971, Berlim ainda registrava 6,1 milhões de passageiros, no ano passado foram somente cerca de 4,5 milhões – e tal mudança de tendência, inteiramente satisfatoria, não era prevista no planejamento. Além disso, Tegel é um aeroporto do futuro, equipado para as necessidades do seculo XXI.

Assim, a 1° de julho de 1965, foi aberto um concurso arquitetónico europeu, no qual Meinhard von Gerkan, Volkwin Marg e Klaus Nickels saíram, finalmente, como vencedores, entre 68 participantes. A primeira pazada ocorreu no outono de 1969; a 27 de abril de 1970, o prefeito Klaus Schütz colocou a pedra fundamental. Após cerca de cinco anos consumidos na construção, deu-se, em 23 de outubro de 1974, a inauguração oficial do «gigante» Tegel.

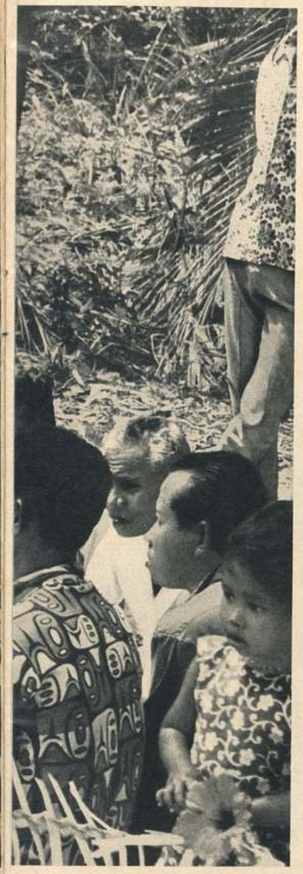
Cerca de 50 firmas francesas e alemãs participaram do projeto de 600 milhões de marcos – e da gosto de ver o resultado. Tegel Sul é um «drive-in-airport», com caminhos extremamente curtos e possibilidades de orientação excelentes. O prédio de despacho hexagonal apresenta-se como composição perfeita, em vidro, concreto e aço, com dimensões amplas e, tecnicamente refinado – tudo isto em função do proveito do passageiro: ele é ali o centro e tudo gira em torno de seu conforto. O sistema de caminhos é absolutamente seguro: uma quantidade de indicadores e mostradores eletrónicos torna Tegel o aeroporto mais rápido e metódico. A zona central do edifício de despacho, com todas as funções antepostas, e aos restaurantes, está anexado o anel central das plataformas de embarque, de modo que aviões e passageiros podem ser despachados diretamente. As 14 posições de estacionamento de aeronaves, nas proximidades do edifício, podem ser alcançadas pelos passageiros, diretamente, através das pontes de embarque; através deste processo de «gate-check-in», os despachos são possíveis ate mesmo cinco minutos antes da decolagem. Na partida, os passageiros não precisam abandonar o prédio, e, na chegada, eles o alcançam a seco, também com mau tempo.

O viajante pode deslocar-se para o interior do hexagono do aeroporto com o próprio carro, ônibus ou táxi e já está, então, próximo do guichê de despacho. Também não se conhecem problemas de estacionamento em Tegel: a garagem comporta 1200 automóveis; outros 700 estacionamentos estão à disposição nas imediações diretas do aeroporto.

A capacidade de «Tegel Sul» é, atualmente, de 2500 passageiros, nas horas de movimento, e de 5 milhões de passageiros por ano; se necessário, esta capacidade pode ser duplicada num segundo estágio. Tegel, onde, a princípio, trafegavam regularmente, aviões a jato civis, possibilita, agora, a partida e a chegada de aviões gigantes («Jumbo-Jets»), em quatro das 14 posições: a maior das pistas de aterrisagem e decolagem, situadas paralelamente, tem três quilômetros de comprimento. Também a paralisação pela neblina não precisa ser temida: como sexto aeroporto alemão, Tegel está equipado com instalações, que permitem aterrisagens com visibilidade até 400 metros. Se até agora foram registradas cerca de 8 mil aterrisagens e decolagens, conta-se, futuramente, com 60 a 65 mil; também o frete aéreo aumentará, para cerca de 20 mil toneladas por ano. Ele foi, igualmente, concebido para o futuro. O pavilhão dos fretes aéreos suporta o dobro da capacidade atual.

Ele ainda serve, sobretudo, ao tráfego de excursões e de turistas: mas, o mais tardar, a partir de 1° de novembro, o «colosso» Tegel deverá ser aproveitado totalmente. Tempelhof, em sua época o aeroporto mais moderno da Europa, com características únicas, será, então, substituído por um aeroporto, que deixará muitas metrópoles européias com inveja dos berlinenses.

Inge Bongers



Gente, espíritos e demônios

Após um ritual animista, refeição do casal Werner com membros da tribo Mah Meri. Em primeiro plano: atrás das folhas de palmeira, o «repouso dos espíritos»

A Malásia é considerada como um dos países em desenvolvimento mais progressistas. A economia em crescente expansão, a estabilidade da moeda nacional e a harmonia social fazem do Estado plurinacional da Malásia Ocidental e Oriental um país modelar. Este país abriga, também, no isolamento de suas selvas, homens cujo mundo desconhecido foi visitado, recentemente, pela primeira vez, por um pesquisador alemão.

Do ponto de vista etnológico e quantitativo, são os malaios que predominam, seguidos pelos chineses e indianos. Além destes três grupos, existem ainda várias minorias, reunidas sob as denominações de «aborígenes» e «Orang Asli». Este último grupo se encontra em estágios muito diversificados de adaptação social e cultural aos tempos modernos.

A parte ativa da população, que levou a Federação Malásia a uma acatada posição no panorama mundial, é constituída pela comunidade dos malaios, chineses e indianos, enquanto que os «Otang Asli», por causa de sua situação geográfica isolada e de suas tradições próprias, levam uma vida em parte ainda autônoma.

Este quadro explica, também, porque os costumes, a cultura, a arte e a mitologia dos malaios, chineses e indianos, são muito mais conhecidos. Tal situação não vale, porém, para os aborígenes habitantes das selvas. Por causa das tradições orais, era praticamente impossível ao estranho à tribo penetrar no mundo dos silvícolas. Tabus tornavam impenetráveis ao estranho muitas das importantes formas de comportamento e de acontecimentos. Não é, pois, de se admirar, que nossos conhecimentos superficiais se esgotassem em certos objetos, como, por exemplo, flautas de madeira, instrumentos musicais, domésticos e de caça, ou, ainda, em cerimônias «semipúblicas», como casamentos ou sepultamentos. Concepções filosóficas da vida, relações mitológicas, entidades e significado dos espíritos e sua função para o dia-a-dia de cada indivíduo ou da comunidade, sua influência sobre a desdita ou doença ou sobre a superação destas, mediante rituais de curandeirismo mitológicos, psicológicos ou farmacológicos, permaneceram sob o véu do silêncio tradicional.

Há algumas décadas, conhecem-se esculturas em madeira de tribos da Malásia Oriental com motivação mitológica; máscaras rituais e estatuetas de demônios foram descobertas na Malásia Ocidental, há apenas quinze anos. Não se dispondo de informações concretas sobre os motivos e outros dados históricos, levantou-se a possibilidade de que se tratasse de cópias de outras culturas. Dentre os grupos aborígenes da Malásia Ocidental que se caracterizam por entalhes de madeira, temos a tribo litorânea e insular dos «Mah Meri» e a tribo selvagem centromalaia dos «Jah Hêt». Estas duas tribos estão separadas por uma distância de apenas duzentos quilômetros, mas as expressões artísticas das estatuetas dos espíritos e demônios se distinguem, notavelmente. A arte dos «Mah Meri» tem um caráter semelhante ao barroco, enquanto que a dos «Jan Hêt» se destaca mais por formas geométricas. A questão da motivação dos entalhadores de ambas as tribos para esculpir uma grande quantidade de estatuetas de espíritos e demônios, cujos nomes e funções são até hoje totalmente desconhecidos, a questão do fundo mitológico de seus trabalhos artísticos e, por fim, a questão de como, no isolamento das aldeias, os espíritos e demônios agem sobre homens, animais e natureza, só poderiam ser resolvidas, quando se conseguisse penetrar, pessoal-

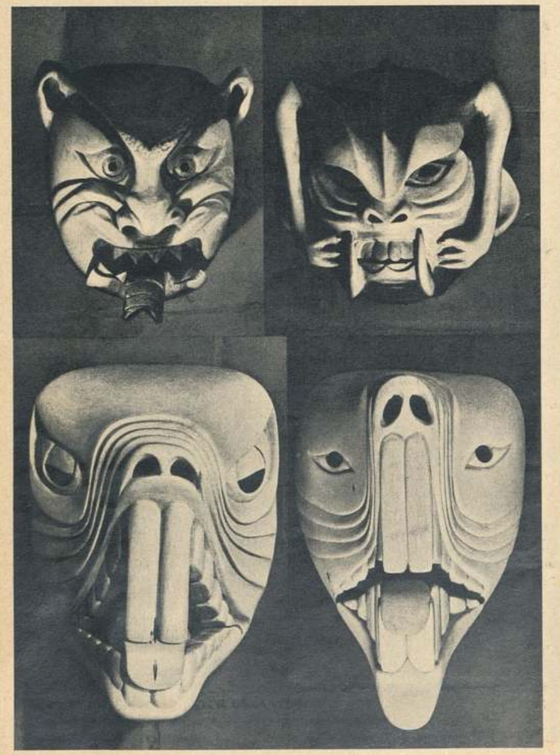
O espírito das «Sete Almas»

Os Jah Hêt atribuem diversos nomes aos espíritos e às estatuetas dos demônios: «Bes» são os espíritos puros, que não descendem dos homens; numerosos, nocivos e responsáveis pelas doenças. «Jin» é o nome dos espíritos da terra e «Kemoch» o dos mortos; «Nabi» significa «profeta» e denomina os espíritos protetores; «Raja e Putri» significam, literalmente, «rei e rainha», mas, neste contexto, designam os líderes dos diferentes grupos de espíritos. A foto acima mostra, em disposição ordenada, estatuetas totêmicas que representam os diferentes grupos de espíritos relacionados entre si, como, por exemplo, os espíritos dos bebês, das crianças, dos velhos, das velhas e o líder dos espíritos, responsável pelas «Sete Almas» de cada um dos membros da tribo Jah Hêt. Uma outra série de estatuetas representa os espíritos do vento, das nuvens, da chuva e do trovão, que complementam a vasta galeria de entes sobrenaturais.

Gente, espíritos e demônios

Cilada para os homens

Moyang Tenong Jerat Hariman, o espírito do tigre, invisível na selva, é temido pelos Mah Meri porque atrai os homens à sua cilada. As longas garras, pendendo até o chão e formando um laço, simbolizam a armadilha



Máscaras rituais dos Mah Meri

Acima: máscara do espírito do sapo Katak-Kala (direita) e do espírito do tigre Hariman (esquerda). Abaixo: máscaras masculina e feminina do espírito do pássaro Kelong Wyet. As máscaras dos Mah Meri são, tradicionalmente, talhadas em madeira branca leve; desde 1973, são também executadas em madeira rija e avermelhada, cujos veios são aproveitados para efeitos fisionômicos bastante atrativos

Porque as bananeiras só frutificam ums vez?

Entalhes dos Mah Meri. À esquerda, Pisang Tok'Tok, o espírito da bananeira, responsável pelo fato de que a bananeira só frutifique uma vez. Ao centro: Belangkas, o espírito do caranguejo-real, inseparável de sua fêmea, sob pena de se perder. À direita, o espírito

O espírito da Lua

Segundo a lenda, não se deve penetrar na selva, enquanto a lua estiver baixa; isto poderia ocasionar azar ou doenças. Nestes casos, o conselheiro é Hulubalang Galah, o espírito da lua

Talismãs da saúde

Eis aqui três dos pequenos talismãs que, por ordem do curandeiro, o artista esculpe durante o ritual da cura. A doença sai do corpo do enfermo e se transfere, então, para estes «Sepili»

do alvorecer ou do crepúsculo (Sambar), que se compraz em devorar crianças pequenas ou homens, que andem ao crepúsculo sem lanterna

O pesquisador e os totens

O Prof. Roland Werner e dois totens dos Mah Meri: à esquerda, Udang, o espírito do mar, que, segundo a lenda, teria feito afogar-se uma criança faminta, que pescava para comer. A estátua à direita simboliza Biawak, um espírito antropófago

mente, na intimidade destas comunidades de cerca 1.500 pessoas cada uma.

Seis anos de pesquisas possibilitaram a um médico alemão, prof. Roland Werner, médico-chefe do Departamento Clínico da Faculdade de Medicina da Universidade da Malásia, em Kuala Lumpur, ganhar a confiança das tribos «Mah Meri» e «Jah Hêt», e penetrar, pela primeira vez, neste mundo fechado pelos tabus.

A partir dos poucos entalhes disponíveis, compôs-se, no decurso dos anos, um mosaico de conhecimentos sobre os costumes, a visão-de-mundo, os múltiplos fatores mitológico-psicológicos, o mundo dos demônios e dos espíritos que determinam a vida de sãos e enfermos, segundo leis não escritas. Dois livros publicados pela «University of Malaysia Press», de Kuala Lumpur, intitulados «Mah Meri of Malaysia, Art and Culture» (Arte e cultura dos Mah Meri da Malásia) e «Jah Hêt of Malaysia, Art and Culture» (Arte e Cultura dos Jah Hêt da Malásia), expõem os resultados de forma bastante completa; a maioria das estatuetas, amuletos, talismãs e máscaras é também reproduzida em fotografias – mais de mil, no total.

Da participação em rituais noturnos e secretos do curandeiro resultou a observação do emprego de amuletos do tamanho de um dedo, símbolos típicos e específicos da doença («Sepili»). A compreensão da «visão-de-mundo« e das valorações dos habitantes da selva possibilitou objetivar o entrelaçamento, em caso de doença, de mitologia, psicologia e existência física.

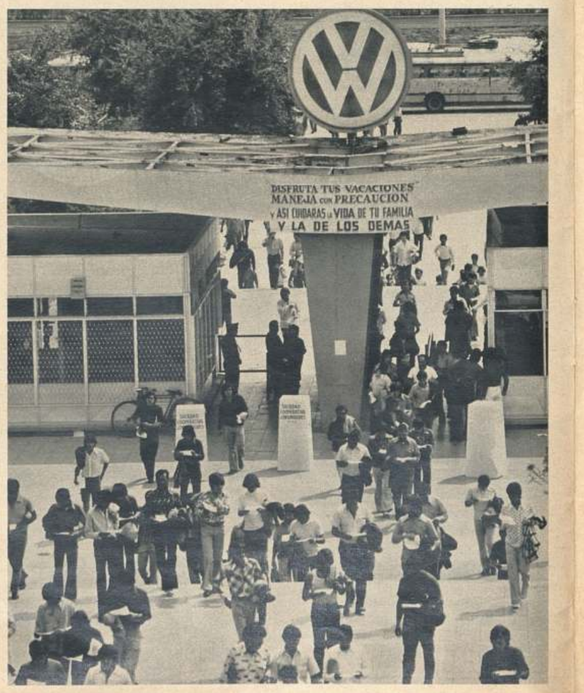
Uma tal compreensão tornou possível estabelecer, de forma documental, relações até hoje totalmente desconhecidas entre o curandeiro e o artista. Após a análise do «caso de doença», o curandeiro dá instruções para o entalhe de «Sepili» correspondentes à doença ou aos seus sintomas; no decurso de cerimônias que duram diversas noites, o curandeiro transfere a enfermidade, por meios mitológico-psicológicos (Beni'Soy), do corpo do doente para os amuletos de madeira. Em seguida, o corpo liberto da doença é abençoado e fortalecido com ajuda dos «espíritos das ervas».

Com base nos princípios e símbolos dos «Sepili» e nas características mitológicas das manifestações dos espíritos e demônios, é possível, agora, entender as estatuetas de diferentes tamanhos dos «Mah Meri» e dos «Jah Hêt». Tais estatuetas não são meras ampliações dos «Sepili», mas representações de demônios e espíritos, que, embora variando de artista para artista, conservam as mesmas características. No decurso destas pesquisas, foi, igualmente, possível descobrir concepções da doença até hoje completamente ignoradas. Neste sentido, o fenômeno das «Sete Almas» do silvícola e sua posição num sistema de tabus, espíritos e demônios que exercem influências positivas e negativs sobre sãos e enfermos, possuem um importante significado para o diagnóstico e tratamento das doenças.

As conclusões sobre o tratamento, tiradas deste princípio mitológico, são incrivelmente convincentes para o observador formado no rigoroso pensamento das ciências naturais, embora, racionalmente, inexplicaveis. Já a procura da doença no corpo, sua concentração num ponto e as medidas extrativas mitológico-psicológicas, mediante um «condão mágico», são preliminares de efeito terapêutico convincente.

A documentação a respeito foi reunida, pela primeira vez, em 1973, na selva sombria da Malásia Central, sob a forma de um filme para a Televisão Malaia, pelo prof. Werner. O Museu Ultramarino de Bremen, em colaboração com o Museu Estatal da Malásia, exporá pela primeira vez, ao público do mundo ocidental, na Prefeitura de Bremen, estatuetas mitológicas dos «Mah Meri» e dos «Jah Hêt», assim como peças de Malásia Oriental.

Como na matriz de Wolfsburg, os «fuscas» são montados aqui em linha. – Hans H. Barschkis, presidente da «VW» mexicana (à esquerda), recebeu a mais elevada ordem que o México concede a estrangeiros: «A Águia Asteca». Em 1973, ele foi escolhido como o «homem de negócios do ano». – Foto abaixo: troca de turno na «Volkswagen» de Puebla.



Castillo de los lobos

Em Puebla, capital da província mexicana do mesmo nome, situada a leste do Popocatepetl, foi colocada, em 1965, a pedra fundamental da fábrica «Volkswagen» local. Hoje – dez anos mais tarde –, 12 mil pessoas estão ali empregadas e o «Volkswagen», que já deixou de ser, para muitos, meta inalcançável, simboliza um futuro melhor. Seiscentos veículos são produzidos, em cada dia útil, e parte deles é exportada para os EUA e mesmo para a República Federal da Alemanha. No México, trabalha-se, segundo os mesmos planos de fabricação e controle adotados em Wolfsburg. Assim, os »fuscas« da terra dos Astecas distinguem-se de seus irmãos alemães, no máximo, através da inscrição «Made in Mexico», na placa de tipo. Ao contrário da República Federal da Alemanha, o México não enfrenta qualquer crise automobilística. «Nossa capacidade está plenamente ocupada, não temos nenhum estoque e até efetuamos, em parte, vendas com prazos de fornecimento» – declarou o presidente da «Volkswagen» do México, Hans Barschkis, em março de 1975. A filial de Puebla já obteve uma parcela de 37,8% do mercado mexicano de automóveis. Nos carros pequenos, tal índice chega a 68%. O México está somente no limiar da motorização, mas o automóvel conquista, cada vez mais, novas camadas da população. Os 540 mil habitantes de Puebla vêem sua cidade como a «capital do Volkswagen»; um jornal a denominou, por brincadeira, «CASTILLO DE LOS LOBOS» (Castelo dos Lobos), o que seria a tradução literal de Wolfsburg.

BAIXA-SAXÔNIA

Este Estado tem muitas facetas: chaminés industriais e ovelhas, metrópoles e campos, atividade febril e tranqüilidade, florestas e águas

Os aspectos são tão múltiplos, as regiões tão diversas, que é bem possível perder-se a visão de conjunto do segundo maior Estado da República Federal da Alemanha. Ao norte, a costa com suas ilhas avançadas; a sudeste, um maciço central imponente, com altitudes de até mil metros; a oeste, a vizinha Holanda; a leste, a fronteira com a República Democrática Alemã (RDA). Dentro destes limites, revezam-se planícies, florestas, pastos, lavouras, pântanos, campinas. Quando os alemães pensam na Baixa-Saxônia, associam-na logo à criação de cavalos e rebanhos de ovelhas, a grandes mansões construídas em madeiramentos e também a uma chuvinha fina e penetrante.

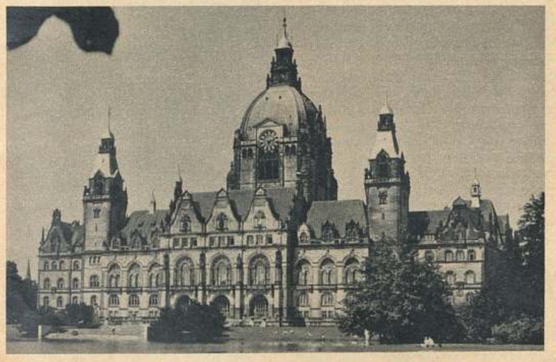
Decerto, há de tudo isto na Baixa-Saxônia. Mas, há ainda algo mais. A Baixa-Saxônia é a terra do «Volkswagen», do «fusca» e, recentemente, também do golfe. Num recanto a sudeste deste Estado, fabrica-se o carro que é talvez mais conhecido do que a República Federal: o «Volkswagen». Isto coloca a Baixa-Saxônia sob uma nova luz. Ela não é tão somente um Estado agrícola, mas, em parte, também altamente industrializado – e, justamente, com as indústrias mais modernas. Apesar disso, existem regiões em que se pode andar horas a fio sem encontrar vivalma.

O Estado se estende por 47.000 quilômetros quadrados, desde as ilhas da Frísia Oriental, na plataforma continental do Mar do Norte, até o maciço do Harz. Sua área maior é constituída pela planície da Baixa-Saxônia, que abrange as regiões de Watten e Marsch, nas imediações do litoral, assim como a região arenosa e árida e as campinas planálticas, e limita com as montanhas de Osnabrück a sudoeste, com os vales dos rios Leine e Weser e com a região imediatamente anterior ao Harz. Os rios nesta planície são largos e indolentes, correndo em direção norte, para o mar: a leste, o Elba, em longo trecho fronteira com a RDA; o Aller, afluente do Weser, e o Ems. Estes quatro rios estão ligados por um canal de navegação, o Canal Central, a mais importante via fluvial do Estado, atualmente submetida a obras de adaptação, para permitir a passagem do «Europakahn». Além deste, existem também o Canal Dortmund-Ems, que assegura, já há mais tempo, o acesso à região industrial do Reno e do Ruhr, assim como outras vias menores e, em breve, o Canal Lateral do Elba, entre Fallersleben e Lauenburg – cuja construção se tornou necessária al porque o Canal Centre, só deságua no Elba, bem dentro da RDA.

Extraindo minério ou escavando canais, saneando pântanos ou aterrando o mar, o homem está, continuamente, intervindo nesta natureza. Recentemente, a Baixa-Saxônia aumentou, em teoria, muito: sua costa se estende por uma parte do Mar do Norte cuja exploração foi confiada à República Federal da Alemanha. A plataforma continental esconde riquezas naturais: como é óbvio, espera-se encontrar, sobretudo, petróleo e gás natural.

Da população de 7,2 milhões de pessoas, mais de um quarto mora, ou melhor, morava em municípios com menos de dois mil habitantes. Desde que entrou em vigor a reforma administrativa, realizou-se a fusão de numerosos mini-municípios em unidades administrativas maiores, sem que isto influenciasse em nada o caráter interiorano de grande parte das pequenas cidades. Existem, ainda, áreas em que a densidade demográfica está bem abaixo de cem habitantes por quilômetro quadrado, como, por exemplo, em Lüchow-Dannenberg, com pouco mais de quarenta.

A densidade demográfica é mais elevada nas férteis regiões montanhosas e campineiras e, ainda assim, um quinto dos habitantes da Baixa-Saxônia mora nas grandes cidades. Mesmo estas são medianas: Hannover, a capital às



Muitos consideram Hannover cinzenta, fria e monótona. A Prefeitura, obra grandiosa do tempo do Império, tenta provar o contrário

Baixa-Saxônia: ao norte, as ilhas; ao sul, as montanhas. Entre ambos, 47.000 quilômetros quadrados cheios de contrastes

margens do Leine, conta com apenas 566.000 habitantes, quando já teve muito mais; Braunschweig, outrora mais importante do que Hannover, tem 270.000 habitantes. Seguem-se Osnabrück, no sudoeste, com 163.000; Oldenburg, no noroeste, com 134.000; os dois polos industriais, Wolfsburg (132.000) e Salzgitter (120.000), nas vizinhanças próximas de Braunschweig; a cidade universitária de Göttingen, rica em tradições (120.000) e o «terminal energético» Wilhelmshaven (104.000). São, ainda, dignas de nota Delmenhorst (70.000), Cuxhaven (60.000) e Emden (53.000).

Não se deve esquecer de levar em consideração, neste contexto, que Hamburgo, a maior cidade do território federal, assim como Bremen – na realidade, Estados autônomos –, influenciam, de forma decisiva, a estrutura urbana do norte da Alemanha. Já há tempos, se registram esforços no sentido de fundir a Baixa-Saxônia, Schleswig-Holstein, Hamburgo e Bremen num único e grande «Estado do Norte». Um «Conselho da Alemanha do Norte» já funciona, incluindo os quatro respectivos governadores.

A política estadual de Hannover é, já há quase trinta anos, determinada, sobretudo, pelos social-democratas. A questão de como industrializar e, ao mesmo tempo, incentivar uma agricultura importante, foi sempre o problema principal dessa política.

O Governo apresentou, há dois anos, um «Plano Estadual de Desenvolvimento para a Baixa-Saxônia – 1985», muito apreciado, por sinal.

Em Salzgitter, as ovelhas ainda se atrevem até às proximidades dos altos-fornos. Esta jovem metrópole surgiu há trinta anos, em plena natureza

Agricultura em primeira linha

As características naturais da região condicionaram, de modo todo particular, a estrutura econômica da Baixa-Saxônia. As terras férteis da planície geraram uma agricultura florescente; a pesca desempenha, ainda, no litoral, um papel importante, apesar de o volume do pescado estar em diminuição; as jazidas de minérios da região do Harz possibilitaram a implantação de indústrias importantes; em diversos setores do Norte e do Sul, são explorados depósitos consideráveis de sal, inclusive potassa. Canais e rios ligam o Estado aos grandes centros industriais da República Federal. A evolução política desde 1945 levou, no entanto, alguns municípios do Leste, a uma situação extremamente marginalizada.

São efetivamente, porém, as características naturais do Estado que condicionam a evolução da economia da Baixa-Saxônia. Assim é que os vastos campos facilitaram a implantação de instalações agrícolas maiores. A agricultura aproveita um total de aproximadamente 29.000 quilômetros quadrados; florestas cobrem outros 9.400 quilômetros quadrados, em parte igualmente aproveitados do ponto de vista economico. Em 1974, havia em todo o Estado um total de 176.000 empresas agrícolas. Este número está se reduzindo, continuamente, embora o tamanho médio das empresas aumente.

Hoje já são mais de 1.200 fazendas a cultivar áreas com mais de cem hectares. Mais de oito mil propriedades agrícolas estão na faixa de 50 a 100 hectares e mais de 43.000 entre vinte e cinqüenta. Note-se que há uma tendência clara em favor das empresas com mais de cinquenta hectares. Tudo somado, vivem na Baixa-Saxônia 46.700 pessoas dedicadas à agricultura, que conserva, em noventa por cento dos casos, uma estrutura familiar. Os produtos principais são cereais, batatas, beterrabas e pecuária.

A imagem de um Estado agrícola puro é, porém, enganadora. No litoral, são descarregadas sempre mais e mais matérias-primas e energéticas. O Alto-Ems, o Baixo-Weser e o golfo de Jade estão, continuamente, em obras, para poderem receber navios cada vez maiores. A porta para o mundo do petróleo se situa em Wilhelmshaven, no golfo de Jade, onde foi construído um porto profundo para os superpetroleiros, de até 250.000 toneladas. Os depósitos de distribuição têm uma capacidade anual de até 60 milhões de toneladas de petróleo. O oleoduto que parte de Wilhelmshaven bombeou, em 1974, trinta milhões de toneladas de petróleo. Não longe, nas proximidades de Etzel, estão depositadas, em antigas minas de sal, as reservas federais de petróleo. Junto a Wilhelmshaven, encontra-se em construção uma refinaria e existem planos de um terminal de gás liquefeito.

Emden recebe gás natural da jazida norueguesa de gás, em Ekofisk. Além disso, existem, no Emsland e na charneca de Lüneburg, alguns depósitos de petróleo e de gás natural. As reservas de gás são estimadas em 300 milhões de metros cúbicos e as de petróleo em cerca de 80 milhões de toneladas – pouco, em comparação com o que Wilhelmshaven absorve num único ano. Duas usinas nucleares, em Stade e Würgassen, têm, em conjunto, uma capacidade de 1.300 megawatts. Uma terceira usina está em construção.

Proporcionalmente, a região litorânea ainda está pouco industrializada. A incidência maior da produção se concentra ao sul do Canal Central, sobretudo por causa das importantes jazidas de minério da região de Salzgitter. A extração de minérios emprega, ainda hoje, nada menos que 20.000 pessoas; a indústria siderúrgica apresentou, em 1974, um quadro de 28.000 empregados e um movimento da ordem de quatro bilhões de marcos, o que corresponde apenas a um sexto lugar, no quadro da produção industrial.

O primeiro lugar é mantido, indiscutivelmente, pela indústria alimentícia, com 73.000 empregados e treze bilhões de marcos de vendas. É, porém, na indústria automobilística, que um número ainda bem maior de habitantes da Baixa-Saxônia ganha o seu pão: 128.000. A produção de automóveis fica, no entanto, com seus onze bilhões de marcos, atrás da indústria alimentícia. Em terceiro lugar, vem a indústria elétrica, com cerca de 88.000 operários e um movimento anual de 5,4 bilhões de marcos; em quarto lugar, a indústria mecânica (79.000 operários; 5,2 bilhões de marcos). A indústria química só alcança um quinto lugar: 32.000 trabalhadores e 4 bilhões de marcos. Nos demais setores, temos a indústria da construção civil (153.000 operários) e os demais ofícios (388.000 trabalhadores). O turismo registrou, na temporada 1973/74, cerca de 24 milhões de pernoites.

O centro nervoso do Estado é Hannover, encruzilhada de todos os caminhos e ponto de encontro de mais de 750 quilômetros de rodovias. A Feira Industrial de Hannover é considerada uma das mais importantes do gênero.

Composição da produção industrial:

Indústria de matérias-primas e bens de produção ..	23,6%
Bens de investimento	39,8%
Bens de consumo	14,2%
Produtos alimentícios	18,7%
Explor. de minérios .	3,7%

Baixa-Saxônia Proveniência das importações	
Comunidade Européia .	46,2%
restante Europa	19,5%
Estados Unidos	8,6%
restante América	8,2%
Ásia	9,8%
África	6,8%
Austrália	0,9%

Baixa-Saxônia Destinatários das exportações	
Comunidade Européia .	38,4%
restante Europa	23,3%
Estados Unidos	18,6%
restante América	5,9%
Ásia	7,4%
África	5,1%
Austrália	1,3%

Participação dos diversos setores da economia no produto nacional bruto de 1973:

Agricultura e silvicultura	6,3%	(5,8 bilhões DM)
Produção industrial	49,5%	(45,6 bilhões DM)
Comércio e Turismo	16,6%	(15,3 bilhões DM)
Setor terciário (serviços)	13,6%	(12,5 bilhões DM)
Organizações estatais	14,0%	(12,9 bilhões DM)

O mar é uma das atrações do Estado: turistas na praia de Norderney e pescadores de camarão no litoral

Quem quiser calma e sossego, encontra-los-á no Harz: a cidadezinha de Zorge é um lindo exemplo

O «Fusca» nasceu há trinta anos, em Wolfsburg

Apesar de todas as estatísticas, este Estado é, antes de mais nada, a terra do «fusca». Foi ali que o «fusca» nasceu, sob condições que, por si sós, já constituiriam uma novela, assim como a fundação da Fábrica «Volkswagen» e da cidade dos «Volkswagen», Wolfsburg.

Quem chegar á cidade, no momento da troca dos turnos, loga saberá onde está. As estradas estão cheias de «Volkswagen», que saem, um após outro, da cidade, em direção às localidades onde residem os trabalhadores – Helmstedt, Braunschweig, Gifhorn. A cidade mesma está repleta de Volkswagens. Na hora do «rush», repara-se logo num carro de outra marca. As ruas são largas e amplas: uma cidade do automóvel.

A «maior fábrica de automóveis debaixo do mesmo teto» e, ainda hoje, o complexo industrial número um da República Federal da Alemanha, está separado do centro da cidade pelo Canal Central e ocupa uma área de sete milhões de metros quadrados. A fachada da fábrica, construída no estilo característico de tijolos aparentes, estende-se por 1,5 quilômetro ao longo do canal. Deste panorama regular, destaca-se a usina de eletricidade, com uma capacidade de 320 megawatts e que fornece energia também à cidade. Aliás, a cidade não teria existido, se não fosse a fábrica. E, no começo, não passava de uma idéia.

A idéia do «fusca«, concebida por Ferdinand Porsche, deveria, realmente, concretizar-se num carro do povo (Volks-Wagen). Empresa alguma queria, porém, construir o «fusca». Assim é que, em 1936, tomou-se a decisão de começar uma fábrica do ponto zero. Uma fábrica e uma cidade. A pedra-fundamental foi lançada em 1938, a oeste da antiga povoação de Fallersleben, nas imediações do castelo renascentista de Wolfsburg.

A guerra impediu o início da produção do «Volkswagen», que só pôde começar em 1946, sob a supervisão da Administração Militar Britânica. Os vereadores tinham, entrementes, rebatizado a nova municipalidade com o nome definitivo de «Wolfsburg», emprestado ao velho castelo das vizinhanças.

Em 1948, Nordhoff assumiu a direção da empresa. Sua liderança a levou à primeira colocação na linha de produtos de exportação. O «Volkswagen» desempenhou na motorização da sociedade um papel semelhante ao do lendário «Ford T 4» («Bigode»). Já foram produzidos mais de 17 milhões de unidades – e mesmo se a empresa hoje se transfere para novos modelos, o «fusca» permanecerá, ainda por muito tempo, um fenômeno.

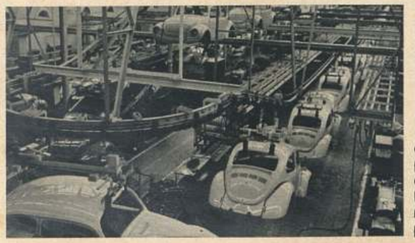
Tal evolução não havia sido prevista nem pela direção da empresa nem pelos vereadores da cidade. A área urbana de 1937 abrigava apenas 857 moradores. Em 1952, já haviam subido a 30.000 e, em 1962, eram mais de 73.000. Atualmente, a cidade conta, incluindo algumas localidades menores das redondezas, com cerca de 132.000 habitantes.

Apesar disso, a cidade não sofreu o caos habitual nestes casos. Como a própria empresa, também o município foi planejado, em cada uma das fases de sua expansão. Utilizaram-se ali os critérios de uma nova era de pioneiros. Os quarteirões residenciais foram encaixados em parques, grandes áreas de lazer foram previstas desde o início. Teatro, centro cultural e prefeitura foram projetados por arquitetos de renome. Wolfsburg devia tornar-se o exemplo por excelência do novo renascimento alemão, com o «fusca» como símbolo de sua mobilidade.

A empresa às margens do Canal Central émprega, hoje, cerca de 56.000 pessoas – e vários milhares perderão seus empregos, porque a crise automobilística mundial não poupou a «Volkswagen». A própria empresa implantou no mundo inteiro centros de produção e conta, atualmente, com 200.000 colaboradores. Só na Baixa-Saxônia existem filiais da «Volkswagen» em Hannover (transporte), Braunschweig e Emden (linhas de montagem para exportação) e Salzgitter. Como dissemos: é a terra do «Volkswagen».

Em Hannover, o lago de Masch e sua vegetação são impressionantes, como a atividade febril do Parque de Exposições. Na época das exposições, chega a haver 50.000 automóveis nos estacionamentos

O velho castelo renascentista Wolfsburg deu seu nome, em 1946, à cidade da «Volkswagen»



A fábrica da «Volkswagen» emprega 56 mil pessoas. A crise econômica paralisou, porém, muitas linhas de produção

A eclusa Anderten (à esquerda), perto de Hannover, vê passarem de 80 a 100 navios por dia. A direita, barcos perto de Bremen

No próximo número:
Baden-Württemberg

A junta de bois

Os camponeses da região de Oldenburg eram conhecidos pela proverbial distância mantida em relação às autoridades – por pobres qúe fossem. Eles atribuíam imenso valor à independência pessoal e, não raramente, as autoridades recebiam mordazes descomposturas. Conta-se do velho camponês Klaas Brand que, estando um dia a passar com sua carreta puxada a bois por um estreito caminho rural, veio-lhe ao encontro a caleça de um funcionário público. Este parou e disse: «Como é, Klaas Brand, o que pensas? Quem deve desviar-se, teus bois ou o funcionário?» – Ao que respondeu Klaas Brand: «Pois é, nesta não me meto, vós deveis resolver isto sozinhos!».

O Estado da dinastia dos Welfes

A Baixa-Saxônia é, como vários Estados federais, uma construção do pós-guerra, decretada pela Administração Militar Britânica. No entanto, pode-se buscar na sua evolução global uma certa unidade histórica.

A História da Baixa-Saxônia começa – se assim o quisermos – no primeiro século depois de Cristo, quando o príncipe querusco Herrmann alcançou uma efêmera união das tribos germânicas do norte. Nos séculos 4 e 5, são os saxões que dominam. No século 9, os Liudolfinger unificaram os três ducados da Vestfália, Engern e Ostfália, surgindo assim o Ducado da Saxônia, que, bem ou mal, durou até o século 13.

«Imigrantes» que fizeram carreira na Baixa-Saxônia: o filósofo Wilhelm Leibniz, o poeta Ephraim Lessing e o físiso Georg Lichtenberg

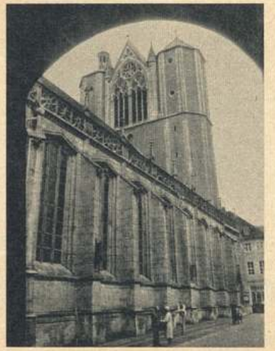
No século 12, o ducado era governado pela dinastia dos Welfes, que foi derrotada, num conflito de dimensões européias, pela dinastia real dos Staufen. Sobrou para os Welfes o ducado de Braunschweig-Lüneburg. E mesmo este foi partilhado. Em 1936, o duque Georg von Calenberg fixou em Hannover a sua residência. Os Welfes de Hannover foram elevados, em 1692, à dignidade de eleitores. E, por causa de um velho parentesco com os Stuarts da Inglaterra, Georg Ludwig tornou-se, em 1714, Jorge I. da Inglaterra – desde então, subsiste uma relação íntima entre Hannover e a Inglaterra, incluída a fase de ocupação britânica, depois de 1945.

Em 1715, anexam-se os bispados de Bremen e Verden, em 1803, a arquiabadia de Osnabrück. A partir de 1815, foi permitido aos Welfes de Hannover o usufruto do título de reis – até que a Prússia os expulsasse, em 1866, e transformasse o país numa das suas províncias.

Os Dannenbergs, de Braunschweig-Wolfenbüttel, conseguiram ainda ficar senhores de seu país, pelo menos até 1884. Partidários dos Welfes constaram, ainda, até 1945, dos parlamentos e até mesmo do Parlamento Imperial Alemão. A anexação pela Prússia nunca foi bem digerida.

Em 1946, porém, surgiu um novo Estado, com capital em Hannover. Deste modo, Hannover desbancou, definitivamente, a velha Braunschweig, por longo tempo, cidade hanseática livre. Foram ainda anexados aos dois ex-Estados dos Welfes a antigo grão-ducado de Oldenburgo e o principado Schaumburg-Lippe. Plebiscitos de 1974 mostram que ainda existem, nestes dois antigos mini-estados, tendências a uma certa autonomia. Mesmo o primeiro chefe de governo da Baixa-Saxônia, Hinrich Kopf, entrou pela mão de correligionários e adversários para a História, como o «Welfe vermelho», cognome pelo qual era conhecido. A política de alto nível visa, entrementes, a outros objetivos: a fusão da Baixa-Saxônia com os outros Estados alemães do Norte.

No entanto, os traços da História são ainda visíveis por toda parte: no estilo arquitetônico tradicional da construção em madeiramentos, na casa do camponês saxão – ostentando na sua fachada o símbolo pagão das cabeças de cavalo cruzadas, assim como nas cidades-velhas de Braunschweig e Wolfenbüttel, na arquitetura sacra de Hildesheim e Gandersheim, de Braunschweig e Osnabrück. A catedral de Braunschweig, por exemplo, foi construída para rivalizar com a Catedral Imperial de Worms – expressão da oposição saxã. Nomes famosos da História são o de Roswitha von Gandersheim ou o dos dois irmãos Schlegel. Mais importantes, ain-Lichtenberg. Sem contar que o Estado da, são os imigrados: Leibniz, Lessing, gerou três gozadores de marca maior: o Barão de Münchhausen, Till Eulenspiegel e Wilhelm Busch. Concedamos que se trata, nestes casos, de uma espécie de humor meditativo . . .



A catedral de Braunschweig: campanário gótico, torres inacabadas

Os Jardins Reais de Herrenhausen, perto de Hannover, velhos de 300 anos, são uma atração para os turistas: vinte quilômetros de aléias, cercadas de flores e sebes

A atividade cultural contemporânea não se destaca do habitual. O Estado é provinciano em ópera, teatro ou arte – apesar de Worpswede, outrora famosa aldeia de pintores.

Em Göttingen, porém, há uma das mais renomadas universidades alemãs, conhecida, sobretudo, por sua Faculdade de Matemática e Ciências Naturais. Recentemente, foram fundadas duas novas universidades, em Oldenburg e em Osnabrück. Universidades técnicas existem em Hannover, Braunschweig e Clausthal – esta concentração também mostra algo da estrutura do Estado, no qual ainda há muito o que fazer, conforme admitem, abertamente, as autoridades de Hannover, até que as condições de vida no noroeste se equiparem às do sudeste. Como ficou dito: este Estado dificilmente pode ser abrangido com um só olhar.

Norbert Ely.

Estes dois trapalhões provocam risos em todo o mundo: Till Eulenspiegel (à direita) caçoava de seus contemporâneos; o barão loroteiro de Münchhausen inventou, entre outras, o meio-cavalo; e Wilhelm Busch tornou-se conhecido, sobretudo, por Max e Moritz, que hoje indicam a casa em que nasceu o humorista

Frísios orientais

De repente, a Alemanha inteira começou a rir de piadas de frísios orientais. Piadas do tipo: «Por que um frísio oriental se coloca de olhos fechados diante de um espelho? – Por que quer ver como é quando dorme». Ou: «Por que a lua é mais importante que a sol na Frísia Oriental? – Por que o dia é claro de qualquer jeito.» Ha muita discussão, sobre a pergunta se os frísios orientais também achariam graça em tais piadas. Diz um boato que os frísios orientais não são capazes de perceber a malícia de uma piada, porque, logo que alguém começa a contar uma piada, põem-se, imediatamente, a rir a bandeiras despregadas.

Cordialidade

Num porto, um senhor pergunta, com toda a cordialidade, a um operário, se ele poderia ter a gentileza de lhe dizer o nome do navio ancorado do outro lado. Resposta do estivador: «Não vês que estou ocupado, ó cara!? Tu és cego ou o quê? Abre os olhos, bobalhão!» O senhor se afasta e um colega se apressa a dizer ao operário que o homem era o grão-duque de Oldenburgo. Exclamação do estivador, aliviado: «Minha nossa, ainda bem que eu não fui grosseiro!»

Herdeiro inepto

Quando Georg Ludwig, príncipe-eleitor de Hannover, tornou-se, em 1714, rei da Inglaterra, os Welfes estavam no ápice do poder. Jorge I, título de Georg Ludwig na Inglaterra, era tudo, menos um grande soberano. Um contemporâneo francês o descreve da seguinte forma: «Pomposo, vaidoso, gordo, indolente, obscuro e teimoso, nunca leu um livro, nunca se colocou uma pergunta. Ele nada em ouro, suas rendas são imensas e ele ainda herda mais». Georg Ludwig era de fato apenas um produto de heranças. Sobre ele, escreveu Samuel Johnson: «Jorge I não sabia, nem queria saber nada, não fazia, nem queria fazer nada. A única coisa positiva que se pode dizer dele é que se esforçou por legar a coroa a seu filho e sucessor». Johnson deixa, certamente, um aspecto de lado: Georg Ludwig trouxera consigo, de Hannover, seu compositor da corte, Georg Friedrich Händel – o que talvez tenha representado, em parte, um compensação para os ingleses.

Estação distante

Um forasteiro desembarca na estação ferroviária de Övelgönne e quer ir à aldeia. Esta fica, porém, bastante longe da estação, e o visitante terá que andar um bom pedaço a pé. Surpreso, ele pergunta ao chefe-de-estação, por que diabos a estação fica tão longe da aldeia. Resposta do funcionário: «Por que razão? Porque nós quisemos construí-la junto dos trilhos!».

A caminho da cooperação

«Scala» falou com o presidente da Associação Federal da Indústria Alemã, dr. H. G. Sohl (na foto)

Uma delegação de destacados representantes da economia privada alemã manteve, recentemente, em Quito e na cidade do México – a convite dos governos mexicano e equatoriano –, conversações detalhadas sobre a ampliação das relações cooperativas. Ao lado dos próprios representantes da Associação Federal da Indústria Alemã (BDI), participaram desse grupo de 25 pessoas representantes da economia alemã da alimentação, da indústria naval, da construção de máquinas, do comércio varejista e do mercado do café, bem como dos três maiores bancos alemães ultramarinos. Essa diversidade de interessados competentes deu às negociações uma ótima base.

O dr. Sohl mostrou-se bem impressionado com os múltiplos e imaginativos esforços do Governo e da economia mexicanos para reduzir, progressiva e eficazmente, o «deficit» ainda existente. Seu interesse especial recaiu, neste contexto, sobre uma exposição ímpar no mundo, realizada no «Palacio de los Desportes» (onde teve lugar, em 1973, a primeira exposição cooperativa teuto-mexicana).

Essa exposição mostra, agora, não o que o México produz e exporta, mas, tudo aquilo que, no momento, o México ainda importa. Vem completada, ainda, através de quadros com indicações pormenorizadas, documentando de que países provém tais máquinas e produtos, qual a quatidade e qual sua participação no comércio e no saldo de divisas. «De uma forma inequívoca e clara, essa exposição dá àquele que quiser investir, indicações sobre onde se acha o interesse particular da economia e do Governo mexicanos» – disse o dr. Sohl.

Os mexicanos saúdam e incentivam os investimentos estrangeiros. Como dependem, atualmente, dos EUA, em cerca de 80% do seu comércio exterior – não apenas na movimentação de mercadorias, mas também no que concerne aos investimentos estrangeiros –, o desejo de uma diversificação torna-se cada vez mais forte, principalmente, por maiores investimentos da República Federal da Alemanha.»

A propósito, ressaltou o dr. Sohl: «O México já assume hoje, com 1,5 bilhões de marcos – contando os reinvestimentos –, um lugar considerável no rol dos investimentos alemães no exterior. Mas, o volume ainda poderá, na opinião de ambos os lados, ser substancialmente aumentado. » – «Visto da perspectiva alemã» – acrescentou o dr. Sohl –, «o México oferece boas condições para investimentos. Nós também estamos, comefeito, interessados nessa cooperação, para, de um lado, melhorar nossa situação na concorrência internacional e, de outro, reduzir os excedentes, na troca mútua de mercadorias.»

O presidente da BDI chamou a atenção, no diálogo com o nosso correspondente, para o fato de que o mercado de trabalho do México cresce, a cada ano, em cerca de 750.000 trabalhadores, com despesas salariais que ficam de um quinto até o máximo de um terço do nível alemão. Aqui se poderia, pois, com gastos menores, produzir mais. A isso acresceria ainda a reserva de energia em petróleo e gás natural, bem como as consideráveis reservas em matérias-primas minerais.

Por fim, a disponibilidade do México à recepção de investimentos alemães está fixada, clara e positivamente» – disse o dr. Sohl, acrescentando: «Foi-nos tornado plausível, por meio de exemplos, que a lei de incentivo aos investimentos, que encerra uma série enorme de limitações, será empregada não de forma restritiva, mas, sim, seletiva, pragmática e liberal.» Sua aplicação seria, segundo ele, flexível, o que é provado pela prática dos últimos anos. O presidente Echeverria – que convidara a delegação da BDI – e os demais colaboradores do gabinete, bem como os diretores das filiais alemãs no México, constataram, em suas conversações com os visitantes da República Federal da Alemanha, que a maioria das questões controversas foram esclarecidas.

O dr. Sohl sentiu-se, assim como os demais membros de sua delegação, fortalecido em sua convicção de que o México poderia ser recomendado a cada investidor interessado, como um país para investimentos e cooperações. Contratos claros e seguros seriam, neste caso, segundo ele, a infra-estrutura da cooperação.

Perguntado pelo resultado da visita da delegação ao Equador, disse o líder da indústria alemã: «No Equador, problemas semelhantes aos mexicanos desempenharam um papel, devendo-se, é claro, ter em conta as diferenças na ordem de grandeza. O Equador tem, como o México, um crescente mercado de trabalho e uma boa posição no setor das matérias-primas, bem como no petróleo e gás natural. Um certo paralelo com a lei mexicana de incentivo aos investimentos pode ser obtido, a partir do artigo 24 do Pacto Andino, que dá diretivas a seus países-membros com relação aos controles e limitações dos investimentos estrangeiros.»

Sobre isso, deliberamos, longa e pormenorizadamente, com os ministros responsáveis pela economia do Equador, e mantivemos diversas conversações interessantes também com outros técnicos» – frisou o dr. Sohl, no resumo de suas impressões sobre a estada em Quito. Também aqui obtivemos a promessa de que as prescrições legais serão aplicadas não de forma restritiva, mas, sim, seletiva, pragmática e flexível. Além disso, para os investidores alemães seria, pensa ele, interessante participar da exploração de matérias-primas minerais e da construção da petroquímica, como, também, trabalhar em cooperação nas unidades de produção.

wmb

Entre «Madre Pátria» e «Terceiro Mundo»

No passado, a política externa alemã foi muitas vezes acusada de esgotar seu conceito sobre a América Latina na defesa de interesses econômicos e de minorias de ascendência alemã. Se já anteriormente essa acusação teve pouco fundamento, evidenciou-se, durante o deslocamento dos eixos conflitantes do Leste-Oeste para o Norte-Sul, que a República Federal da Alemanha tenciona seguir, também dentro da Comunidade Européia, uma política de vantagens recíprocas para com a América Latina. Recentemente, o secretário de Estado do Ministério das Relações Exteriores de Bonn, Karl Moersch, resumiu, mais uma vez, os princípios da política alemã para com a América Latina.

Dedicou especial atenção à posição da América Latina no deslocamento dos enfoques políticos internacionais. Parte-se da tese de que a América Latina, a longo prazo, precisa decidir se quer desligar-se de sua origem européia – da «Madre Pátria» – a fim de integrar-se, plenamente, num bloco do «Terceiro» e «Quarto» Mundo. Tal processo, acredita Moersch, poderá ser influenciado e decidido pelos europeus. É evidente o interesse da República Federal da Alemanha por assegurar-se, na ONU e no comércio internacional, a solidariedade da América Latina. Em contrapartida, a República Federal da Alemanha quer ajudar a América Latina – seu segundo maior parceiro comercial –, também no futuro, fomentando a sua adesão ao desenvolvimento internacional.

Se nesse contexto Moersch enfatiza, em particular, os investimentos privados dos empresários alemães – a maior parte dos investimentos vai para a América Latina – constitui isso apenas um lado da medalha. Teria sido a lição tirada da discussão internacional acerca da utilidade real de investimentos privados para a população e desenvolvimento, bem como conclusões dos debates sobre as multinacionais, que levaram Moersch a incluir, sobretudo, o «componente social», em seu apelo a empresas alemãs no sentido de envidarem outros esforços.

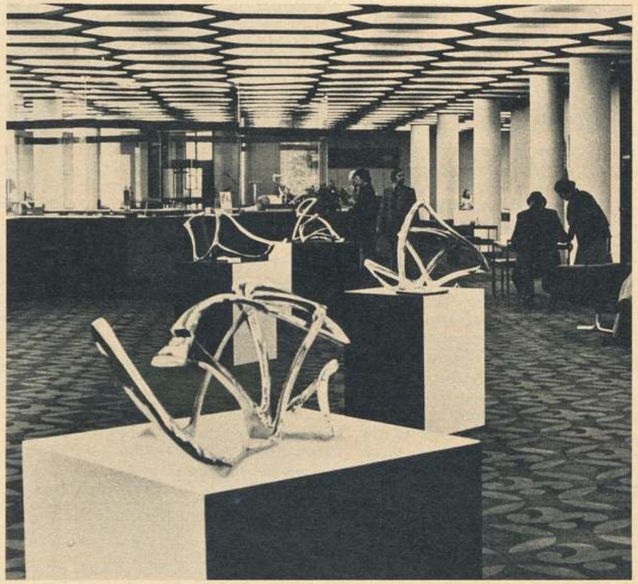
Que disso possam resultar situações delicadas mostrou-se, várias vezes, no passado mais recente: o planejado negócio teuto-brasileiro de urânio, por exemplo, mostrou mais uma vez que o desligamento progressivo da América Latina dos EUA e uma política auto-consciente da Comunidade Européia não ficaram sem problemas. Mas é justamente nisso que reside a chance de fortalecer a solidariedade euro-latino-americana.

De modo geral, Moersch qualifica as relações bilaterais teuto-latino-americanas de «sadias, boas e reciprocamente vantajosas». Além do mais, a República Federal da Alemanha pretende deixar-se conduzir pelo princípio da não intervenção, também nas relações para com aqueles países, cujo sistema político e econômico não seja lá considerado pelo Governo de Bonn como muito «desejável». E também no que diz respeito a sua política de desenvolvimento, que na América Latina será, em todo o caso, cada vez mais substituída pela cooperação, Bonn não pretende deixar-se mover por motivos ideológicos.

Uly Foerster

O México em Düsseldorf

O Banco Cooperative S.A. em Düsseldorf assumiu, em vinculação com a Sociedade Teuto-Mexicana, o papel de patrocinador de uma exposição de trabalhos da escultora mexicana Carmen Wenzel. Em seus trabalhos, ela evita o «puramente decorativo» e procura infundir no metal, segundo as palavras de Antonio Rodriguez, «a força latente das estruturas sólidas da natureza». A jovem de Puebla chama as obras plásticas expostas em Düsseldorf de «módulos», tendo afirmado, na abertura da exposição: «Industrialmente, poder-se-ia explorar a produção desses trabalhos, de forma a que meus módulos pudessem se tornar acessíveis a um maior número de pessoas, a custos mais baixos. Meus trabalhos poderiam motivar o observador a experiências, pois em cada pessoa se esconde um artista».



Lucrativas viagens pelo mundo

Leslie Kai (30 anos) é um exemplo típico para os jovens que hoje viajam pelo mundo. Dois anos a fio, ele guardou todos os marcos que lhe sobravam e, então, comprou uma «Kombi-Volkswagen» e partiu do Alasca em direção à Terra do Fogo. O que trouxe dessa viagem ele vendeu numa exposição, realizada nos recintos da «Beethovenhalle», em Bonn. Com o lucro dessa primeira viagem, partiu com sua mãe (na foto) para os países andinos. Em Bonn e no «Gürzenich», de Colônia, ele divulgou, agora, os seus tesouros para o público interessado: ponchos, tapetes e decorações de parede, plásticas de madeira, cerâmica e pedra, flautas, bolsas, gorros, peles de cobra, enfeites de prata e colares de pedras de imitação. Além disso, ofereceu três conferências com fotos, constantes, sobretudo, de informações etnográficas. O público recompensou sua variada oferta e, agora, com o lucro de suas exposições de venda, Leslie Kai quer financiar sua próxima grande viagem.

O novo astro: Johnny Cecotto

Há muito não ocorria um Grande Prêmio da Alemanha para motocicletas sem uma vitória alemã. Mesmo na classe de motocicletas com carro lateral, que até o ano passado ainda era um bastião dos corredores alemães, coube apenas um segundo lugar aos motociclistas da Alemanha. Não obstante, os 150.000 espectadores das seis corridas do 4° Campeonato Mundial ficaram muito entusiasmados. Em especial, Johnny Cecotto (Venezuela), a nova revelação que estreou na Alemanha, trouxe para o motódromo de Hockenheim a dramaticidade esperada. Na classe de até 250 cilindradas, ele se empenhou, até à última volta, numa renhida luta com o campeão Walter Villa. Cecotto, de 19 anos, teve, no entanto, que renunciar às suas esperanças, quando, a um quilômetro da meta, caiu na segunda barreira, saindo, porém, ileso. Em compensação, o jovem sul-americano saiu vencedor absoluto na classe das 350 cilindradas. O duelo com Agostini já se decidira na terceira volta, quando o recordista mundial italiano se dirigira ao boxe, com problemas no motor. Cecotto assumiu, assim, a liderança exclusiva no Campeonato Mundial.

Artesanato do Peru

Quem andava à procura de coisas raras na Feira «Moda e Casa – seu passatempo», que se realizava pela primeira vez em Essen, encontrava-as, por exemplo, no «stand» com os excêntricos produtos do artesanato peruano. A firma importadora «Imperex», de Wiesbaden, apresentou mesas, cadeiras, cômodas e quadros, decorados de forma inimitável com couro cinzelado. Aos visitantes agradaram, sobretudo, a elaboração precisa do material e o acabamento impecável, que não ficavam atrás da qualidade artística da lavragem e cinzelamento do couro. Tudo isso contribuiu, naturalmente, para o sucesso da mostra.

Miguel anota:

Humboldt

Fazendo jus ao tema grandioso, fascinante na apresentação e muito agradável de se ler é a biografia de «Alexander von Humboldt», escrita por D. Botting e agora publicada pela editora «Prestel», de Munique. Numerosas reproduções a cores e em preto e branco, sem dúvida muito cuidadosamente selecionadas pela editora, oferecem uma boa ponte para a época em que Alexander von Humboldt viveu, atuou e fundou um elo indissolúvel entre a ciência alemã e a cultura latino-americana. Fac-símiles de escritos de Humboldt acrescentam ao trabalho uma nota pessoal.

Quem, para ampliar sua cultura, quiser saber mais sobre Alexander von Humboldt, pode encomendar, agora, à editora «F.A. Brockhaus», de Wiesbaden, «Do Orinoco ao

Amazonas», a mais conhecida reportagem de viagem do pesquisador, à qual foram anexadas as notas sobre o vale do Cajamarca e a escalada do Chimborazo. A edição da «Brockhaus» compreende o conteúdo completo da primeira edição de 1859/60, sendo que o autor da adaptação soube, com maestria, reduzir a um mínimo os acessórios eruditos, de modo que também o leigo pode reviver, com grande prazer, as impressões de Humboldt.

Se na época de Humboldt já houvesse o Premio Nobel da Paz, ele o teria recebido. Por isso, ele também está presente no interessante livre de Gerhard Prause sobre «Gênios na Escola», que foi editado pela editora «ECON», de Düsseldorf. Ao lado de Schiller, Einstein, Freud, Bismarck, Nietzsche, Lutero e Marx, Alexander von Humboldt e seu irmão Wilhelm aparecem muito bem, sendo que Prause prova que pessoas famosas também podem ter sido ótimos alunos.

Um voluntário alemão para a ajuda ao desenvolvimento e sua esposa boliviana

«Saludos» para a Bolívia

Caro amigo:

Cento e cinquenta anos são passados, desde 6 de agosto de 1825, quando os bolivianos proclamaram sua independência e escolheram para o seu país um nome que lembra Simon Bolivar. Você e seus compatriotas estarão celebrando, festivamente, esse dia, e recordarão que, já em 1809, os bolivianos haviam exigido sua independência. Pedro Domingo Murillo, em La Paz, e os irmãos Zudañez, em Sucre. No ano passado, a Bolívia comemorara o sesquicentenário da batalha travada, em 1824, em Ayacucho, e, em abril deste ano, comemorou-se aí a última batalha da luta pela independência, a vitória de Tumusla, obtida da por Antonio José de Sucre, em prol da libertação boliviana.

Estas linhas devem constituir um voto de felicitações a você e a seu país. Elas também deverão demonstrar que estou junto a vocês e com a Bolívia, não apenas por ocasião desse ensejo feliz, mas, em muitas outras vezes, em pensamento. Hoje, tenciono não apenas me congratular, mas também escrever, da distante Alemanha, sobre o seu país, assim como em todos os tempos se escreveu sobre a pátria, com amor e saudade: de uma pátria viva, sagrada e presente, mesmo onde ela é atormentada e angustiada.

Você, caro amigo, vive num país, onde o tempo, o clima, a paisagem e os homens se entrelaçam, formando um mosaico, que se apresenta ao estrangeiro, de modo ao mesmo tempo maravilhoso, desconcertante e encantador. Com razão, Alcide D'Orbigny denominou esse país de microcosmo do planeta. O altiplano íngreme, desolador até, com o lago Titicaca e as ruínas de pedra de Tiahuanaco, de uma rigidez cadavérica; a pátria densamente povoada e com chuvas escassas dos collas, incas, espanhóis e descendentes, os seus compatriotas; as «Yungas» úmidas, quase desertas, donas de uma flora riquíssima; a região montanhosa, repleta de planaltos, atravessada de ponta a ponta pelo Pilcomayo e pelo Rio Grande; a planície, com o Grande Chaco e estolhos da úmida floresta amazônica; a cordilheira, pátria do condor, o pássaro do brasão de seu país.

Nesse mundo boliviano, situado entre a cordilheira ocidental e o pantanal, entre a Amazônia e o Grande Chaco, os povoados e cidades dão, por assim dizer, pelo menos aos estrangeiros, o ritmo para a melodia da paisagem vibrando ao longe. Sucre, Santa Cruz e Cochabamba surgem como coroação da região circundante; La Paz e Oruro, como vigorosa expressão da vontade humana, e Potosi, como que erguida contra a paisagem, qual expressão de um insistente imperativo num mundo estranho.

A beleza das relíquias indígenas, como a Porta do Sol para Tiahuanaco, está na concepção e pureza das formas; são rudes e sóbrias. As igrejas erguem-se vigorosas e nítidas para o céu, como se constituíssem uma séria pregação sobre o país, e, mesmo ruínas como as de San Lorenzo, em Potosi, deixam entrever o trágico sentimento de vida que, caro amigo, há quase duzentos anos, Pedro Vicente Cañete y Dominguez, de Potosi, descrevia como peculiar às pessoas dessa «Villa Imperial», como a denominou Carlos Quinto. Cidades e povoados têm algo de uma ordenação racional.

Seguidamente, me perguntei na Bolívia: existe o homem boliviano? Não, não existe «o» boliviano. O camponês é diferente do mineiro. O citadino distingue-se de ambos. Mas, todos eles gostam do diminutivo afetuoso no fim da palavra e, na melodia de seu linguajar, todos expressam algo da amplidão vibrante de sua pátria. Estou convicto de que os diminutivos podem suavizar situações desagradáveis e consolar, mas, também divertir, e sobretudo, estabelecer um clima cordial.

Mas, não apenas no diminutivo se reconhece o boliviano em terra estranha. Se tivéssemos que retratá-lo, seria necessário copiar os quadros de Gil Imana e de Llangue. Nessas descrições pictóricas do homem boliviano, sente-se sua força tensa, manifesta-se tristeza, um sentimento também baseado na paisagem boliviana. Na literatura, o boliviano é inconfundível. Para os homens de seu país, descritos na poesia e prosa, predomina o tom sombrio e a visão melancólica do mundo. Parece-me que tais escritores se distinguem de seus colegas de outros países sul-americanos, por sua dureza na apresentação, assim como pela intransigência com respeito à língua.

Eles escrevem uma literatura engajada, são possessos pela verdade e assumem, com isso, num estilo

Alemães na Bolívia: a irmã Anneliese Lühring cuida de mães nos povoados indígenas (aqui, na província Nuflo de Chavez) e Ilse Krieger é técnica em criação de gado em Concepción

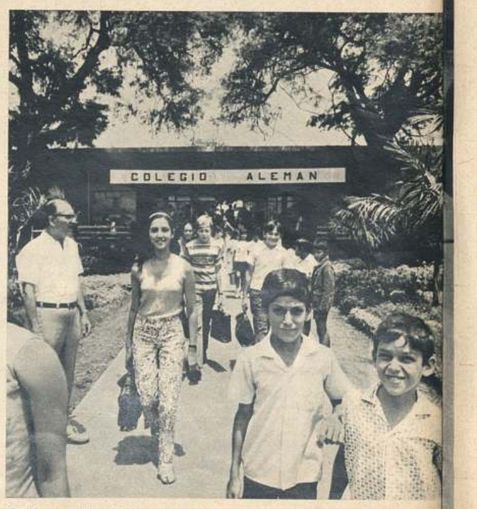
«Pico Alfonso» recebeu tal denominação por causa do presidente do Conselho de Ministros da Baviera, Alfons Goppel, patrocinador de uma expedição alemã aos Andes. Hans Ertl (à esquerda) emigrou, há muitos anos, para a Bolívia

«Saludos» para a Bolívia

próprio e inconfundível, a tarefa de qualquer literatura de importância. Além disso, Cerruto, Montenegro, Costa du Rels, Cespedes, Botelho e, sobretudo, Yolanda Bedregal de Bolívia e Mery Flores, cumprem sua função social constitutiva: a formação da língua e da consciência de sua pátria, o país que se prepara para celebrar a segunda vitória de Ayacucho. E a história boliviana nunca deixa de ser atualidade literária, como, por exemplo, com Albert Crespo Rodas, Samuel Mendonza e Rodolfo Salamanca. A história da Bolívia parece-me definida pelos antagonismos entre federalismo e centralismo, entre liberalismo e conservadorismo; ela se esgotou, sobretudo, no século passado, numa série de mudanças no Palácio Quemado e, também, em desentendimentos com os vizinhos. Como quase todos os povos da terra, também o boliviano teve que experimentar ambos os lados de cada história.

A prefeitura da capital, La Paz, com o monumento ao herói da libertação Pedro Domingo Murillo (foto acima). A casa de esqui «Chacaltaya», a 5.200 m de altura, próxima de La Paz, com vista para o planalto boliviano

Todas as crianças, num raio de 10 quilômetros em torno de Concepción, conhecem Gerhard Arnold, o chefe alemão do projeto



Colégio alemão em St. Cruz

Copacabana, próxima do lago Titicaca (à direita). Também na Bolívia, são realizadas perfurações de sondagem à procura de petróleo, no âmbito do programa da ONU (abaixo)

A vida de Andres Santa Cruz, caro amigo, é exemplar para a história muitas vezes dramática de seu país. Esse hábil ajudante de campo de Sucre é tido, com direito, como o mais capacitado dos primeiros presidentes da Bolívia. Incentivou, energicamente, a mineração, a agricultura e a construção de estradas, e preocupou-se com aquilo em que também a Bolívia de hoje deposita sua esperança: os frutos da já empreendida modernização da mineração, os resultados de novos métodos agrícolas e efeitos das numerosas medidas para a melhoria da infra-estrutura, sem falar das esperanças bolivianas nos resultados de algumas medidas reformadoras do passado e do presente. A reabilitação da população indígena faz parte destes esforços em prol da nova Bolívia, bem como a tentativa da expansão industrial. O petróleo e o gás natural bolivianos contribuirão, certamente, para um novo florescimento da economia do país. O historiador recorde-se aqui da descoberta do filão de prata em Cerro Rico de Potosi – há quatrocentos anos, foi ela uma das descobertas mais lucrativas no Novo Mundo em geral.

Prezado amigo, você talvez me responderá que em seu país as coisas progridem com lentidão. Saberá, no entanto, que o caminho é difícil, tão difícil como a escalada do pico coberto de gelo do Illimani, que se ergue sobre La Paz.

Às vezes, penso não ter sido por acaso que a filosofia de Kant também vingou entre vocês. Talvez seja ela, de fato, a resposta dura e cristalina do espírito humano e da vontade ordenadora para a busca, eternamente humana, de uma orientação no campo do conhecimento. Nosso amigo comum, o recentemente falecido mentor da intelectualidade boliviana, Armando Alba, disse-me, certa vez, que Kant, com suas exigências no campo do espírito, empreendera o que o homem ativo – e nisto Alba, o inesquecível documentador de Potosi, referia-se ao boliviano – deve fazer aqui e agora, na realidade objetiva – e com isso ele abrangia tanto a política como a economia.

O filósofo Kant nunca deixou sua cidade de Königsberg, na Prússia Oriental. Em suas aulas sobre temas de geografia, mencionou, também, a vossa pátria. Mas, outros alemães viajaram pela Bolívia, em tempos mais remotos, e outros tornaram-se ativos em prol da Bolívia. Você se lembrará de Ulrico Schmidl, que chegou em Santa Cruz, no século XVI; dos mineiros de Thüringen, em Potosi; do marechal de campo Braun de Cassel, que tão corajosamente lutou em Ayacucho, a ponto de Bolivar condecorá-lo repetidas vezes, tendo sido ainda ministro da Guerra em La Paz, no governo de Santa Cruz; de Hans Kundt e de muitas outras famílias alemãs para quem a Bolívia é, há décadas, solo pátrio.

Em seu caminho para frente, sua pátria, caro amigo, é também acompanhada pela República Federal da Alemanha. A velha amizade teuto-boliviana concretiza-se hoje na instalação de redução de minérios de Vinto, no abastecimento d'água de La Paz, nos planos agrícolas na região de Santa Cruz e em muitos outros trabalhos conjuntos. Isso torna-se palpável, no entanto, também no mundo cultural, como, por exemplo, nas traduções da literatura boliviana para o alemão. Também artistas de seu país conseguiram, há muito, um nome na Alemanha, como a escultora Nuñez del Prado e o pintor Antonio Mariaca, para citar apenas os mais conhecidos.

Termino por aqui, prezado amigo, guardando na lembrança você e os bolivianos: Hasta la vista!

Por un hermoso futuro vuestro y de vuestro pais, por Bolívia y los bolivianos!

Mucha suerte!

Recordando-os sempre

Wilfried Nölle

O autor destas linhas viveu de 1965 a 1970 na Bolívia. É catedrático honorário de Filosofia da Universidade de La Paz e membro correspondente da Academia Nacional de Ciências boliviana. Apresentou publicações sobre a história boliviana dos séculos XVII e XIX.

Não renegamos nossa História

Discurso do Presidente Federal Walter Scheel, pronunciado na Igreja da Universidade de Bonn, por ocasião da cerimônia comemorativa do trigésimo aniversário do término, na Europa, da Segunda Guerra Mundial.

Em começos de maio de 1945, há trinta anos, terminava para nós a Segunda Guerra Mundial. Nossos adversários de outrora festejam esta data. Os sacrifícios que precisaram fazer para vencer a injustiça dá-lhes este direito. Cheios de respeito e veneração, voltemos nosso pensamento a estes sacrifícios e a todos os mortos na guerra.

Nós, alemães, recordamo-nos daqueles dias: há trinta anos, nosso país se encontrava destroçado, destruído, desprezado, odiado. Chegava ao fim uma guerra com a qual havíamos transformado o mundo inteiro em nosso inimigo.

Aos oito de maio de 1945, é certo, desmoronou, definitivamente, o regime nazista. Vimo-nos libertados de terrível jugo, da guerra, do assassínio, da servidão e do barbarismo. E respiramos aliviados, quando, enfim, tudo havia terminado.

Nós não esquecemos, todavia, que esta liberação veio de fora; de que nós, alemães, não fomos capazes de sacudir nós mesmos este jugo; e de que foi necessária a destruição de meio-mundo, antes que se expulsasse Adolf Hitler do palco da História.

O oito de maio viu não somente a queda da ditadura de Hitler, mas, também, a do «Reich» alemão. O império alemão não era obra de Hitler, mas, sim, o Estado dos alemães, a obra de um grande estadista alemão. Para gerações e gerações de alemães, era ela a pátria que amávamos, como qualquer pessoa ama neste mundo a sua.

Nós, alemães, não temos motivo algum para festejar

Deveríamos tê-la amado menos, apenas porque um ditador dela se apossara ou porque o império, destruído, encontrava-se, agora, por terra? O fim da guerra é para nós, por conseguinte, uma recordação dolorosa.

Não, hoje, nós, alemães, não temos motivo algum para festejar. Oito de meio de 1945 é, na História alemã, um dia cheio de contradições. Nosso Estado, porém, tem a força de assumir a História alemã na sua totalidade, mesmo os seus momentos de trevas. Nós não renegamos nossa História. Nós não fazemos de conta que a destruição do Império Alemão e a conseqüente amputação e divisão de nosso país nada tenham a ver conosco.

E, por mais que se esforce, o outro Estado alemão também não pode escapar a este destino comum dos alemães.

O trigésimo aniversário do término da Guerra é, para nós, ocasião de auto-análise. Tentemos ver com clareza, nesta data, que lições a ditadura, a guerra, a catástrofe e as suas consequências têm a dar a nós, cidadãos da República Federal da Alemanha.

«A arbitrariedade torna-se impotente quando lhe faltam instrumentos. Se tu, porém, replicas: ‹Como seu mestre mandar!› e, ‹Se tu não o fizeres, sempre há quem o fará!› – assim agrilhoam escravos a outros escravos, até que um terceiro os agrilhoe». Assim falou Johann Gottfried Herder, no ano de 1797.

Adolf Hitler não era um destino inevitável. Ele foi eleito. Os anos da luta encarniçada contra o nazismo, antes de 1933, provam que havia, sem dúvida alguma, uma certa consciência do perigo; no entanto, a terrível carestia, no pior da crise econômica, esvaziou, mais e mais, a força e a vontade da resistência política. A tênue esperança de que o sedutor que tudo prometia talvez nos pudesse livrar de uma miséria ainda pior sobrepôs-se à capacidade de entendimento, à crítica e ao medo. Eis aí o que foi o caminho «democrático» para a ditadura.

As omissões e fraquezas dos políticos responsáveis fizeram o resto. Nem tudo, porém, estava perdido, no momento em que Hitler assumiu o poder. «A arbitrariedade torna-se impotente, quando lhe faltam os instrumentos».

Mas, não dizia então a maioria de nós: «Como seu mestre mandar», ou seja: «Às ordens, meu Führer» e «Se tu não o fizeres, sempre há quem o fará!»? E se não o dizíamos, na prática, agíamos assim. Até que foi tarde demais.

O resultado catastrófico foi o desencadeamento da Segunda Guerra Mundial e a aniquilação de milhões de judeus. A guerra custou um total de mais de 55 milhões de mortos. Só na União Soviética, 20 milhões; na Polônia, 4,5 milhões; na Alemanha, 4 milhões; nos países ocidentais, 1,6 milhão.

Por que ocorreu tudo isto? Por que estes terríveis sacrifícios? Só há uma resposta: Hitler queria a guerra, sua vida não tinha nenhum outro objetivo, se

Fechamos olhos e ouvidos

não a guerra. Ele transformou nosso país numa imensa máquina de guerra e cada um de nós constituía, dentro dela, uma pequena engrenagem. Tudo isto era reconhecível. Nós, porém, fechamos olhos e ouvidos, na esperança de que tudo se passasse diversamente.

Em 1936, Thomas Mann escreveu à Universidade em cuja Igreja estamos hoje reunidos: «Sentido e objetivo do sistema nazista do Estado são apenas e só podem ser o seguinte: ao preço da neutralização, opressão e eliminação de toda e qualquer oposição, preparar o povo alemão para a guerra que está por vir, transformando-o numa máquina de guerra totalmente dócil, absolutamente independente de qualquer pensamento crítico, enfeitiçada numa ignorância cega e fanática. Todos os atentados à liberdade, ao direito e à felicidade humana, que este sistema cometeu sem escrúpulos, só encontram justificativa na idéia do adestramento incondicional para a guerra».

Após a guerra, discutiu-se, febrilmente, sobre se havia ou não uma culpa coletiva. Hoje, ganhamos distância suficiente para reconhecer que Hitler se tornou nossa sina, porque nós – num tempo de imensa carência social – não enaltecemos bastante nem a liberdade nem a idéia do direito, e não lhes atribuimos, na nossa realidade

Walter Scheel, Presidente da República

A tragédia alemã começou em 1933

política, o lugar que lhes prescrevia a Constituição.

E o mal se expandiu: nós aceitamos que nossa liberdade, que a liberdade de nosso próximo, que a liberdade de nossos vizinhos fosse violada. Nós aceitamos que nosso direito, que o direito de nosso próximo, que o direito de nossos vizinhos fosse pisoteado. Em nosso nome, foram perpetrados milhões de homicídios contra judeus, ciganos, doentes mentais, prisioneiros políticos e muitos outros.

De quem é a culpa?

Que se arranje com sua própria consciência todo alemão que tenha vivido essa época em posição de responsabilidade e que se sinta responsável ou se envergonhe disto.

Nosso povo expiou os doze anos de domínio da violência. Em 1945, estava destruída a maioria de nossas cidades, mais de doze milhões de pessoas pertencentes ao povo alemão foram expulsas de suas moradias, mais de dois milhões morreram na fuga, regiões inteiras de nosso país nos foram tomadas e colocadas sob administração soviética e polonesa. Nosso país foi, contra a vontade do povo, dividido. Eis as consequências. Nós ainda arcaremos com elas por longo tempo. Mas, a tragédia alemã começou em 1933 e não em 1945.

Em 1933, foi traído tudo o que havia de grande, bom e nobre na História do nosso povo, tudo o que havia granjeado para nosso povo a honra e o renome de um povo civilizado, tudo pelo que éramos considerados no mundo inteiro. Em 1933, a Alemanha perdeu sua honra. Se quisermos reconquistá-la, devemos arcar com esta época obscura.

Esta foi, desde o início, a lei vital da República Federal da Alemanha. Apenas desta maneira era-nos possível adquirir o direito de nos rejubilar, novamente, com os momentos límpidos e inspirados da nossa História. A História alemã pertence somente àquele que também arca, diante do mundo, com as suas conseqüências.

Eu sei que há sempre mais e mais pessoas, às quais não apraz ouvir falar de nosso passado obscuro. Estão fartos, dizem, de pagar por crimes nos quais não tiveram participação alguma.

O problema, porém, não é este. É irracional querer exigir de um jovem rapaz alemão ou de uma jovem moça alemã que se penitenciem por algo perpetrado antes de seus nascimentos. Trata-se, isto sim, de que todos os que somos alemães e alemães queremos e devemos ser, assumamos nas nossas consciências e não omitamos a mais obscura das fases de nossa História.

Todas as palavras de dignidade nacional e autoconsideração se tornam vazias, se não arcarmos com o peso total – por vezes, oprimente o bastante – de nossa História. Trata-se do nosso relacionamento conosco mesmos. Somente se não esquecermos, poderemos chamar-nos, novamente, com orgulho, alemães.

Dura decisão para os judeus: ficar

Trata-se também do nosso relacionamento com os judeus. Antes da guerra, viviam no nosso país mais de meio milhão de pessoas de fé judia, concidadãos alemães com todos os direitos.

THE TIMES Londres, 14. Maio 1975

Os dois Estados Alemães

Na maior parte das capitais do mundo, há agora duas Embaixadas alemãs. Elas representam dois Estados alemães diferentes, Alemanha Ocidental e Oriental, que não podem evitar, completamente, a concorrência, pelo reconhecimento de sua categoria de representantes da nação, cultura e história alemãs. A Alemanha Oriental pretende ter realizado uma ruptura branca com o passado alemão, formula, porém, ao mesmo tempo, a pretensão de ser depositária do legado das tradições alemãs «progressistas», tais como a Revolução Camponesa, o movimento comunista e até mesmo, de forma bastante arrogante, Beethoven – cuja música, segundo uma publicação oficial, «só pode ser cantada, tocada ou ouvida com consciência tranqüila, onde as idéias da supressão definitiva da exploração dos homens pelos homens, pelas quais Beethoven apaixonadamente se engajara, sejam realizadas».

A atitude histórica oposta dos dois Estados alemães se evidenciou, agudamente, por ocasião das recentes comemorações do término da Segunda Guerra Mundial. Embora a Alemanha Oriental seja uma parte do «Reich» alemão derrotado, seu regime se considera como herdeiro da Resistência alemã contra Hitler e requer para si o direito a um lugar entre os vencedores. A Alemanha Ocidental considera a questão com categorias mais complexas. Ela não pode lamentar a derrota de Hitler, nem pode festejar a destruição do «Reich» alemão, a usurpação do poder sobre um terço do povo alemão pelos comunistas ou a morte e o sofrimento que a guerra levou a alemães e tantos outros.

Como bem o disse num discurso, na semana passada, o presidente Scheel, da Alemanha Ocidental: «Vimo-nos libertados de terrível jugo, de guerra, assassínio, servidão e barbarismo. . . . Nós não esquecemos, todavia, que esta liberação veio de fora, que nós, alemães, não fomos capazes de sacudir nós mesmos este jugo . . . O oito de maio viu não somente a queda da ditadura de Hitler, mas também a do «Reich» alemão. O Império alemão não era obra de Hitler . . . O fim da guerra é, para nós, por conseguinte, uma recordação dolorosa».

Considerando a maneira com que o regime alemão oriental se associou às paradas da vitória, verificamos que há, de fato, demasiada leviandade. É certo que o regime representa, até certo ponto, os comunistas que foram perseguidos por Hitler, mas eles nem venceram a guerra, como bem frisou o senhor Scheel, nem foram particularmente bem sucedidos, em sua resistência contra Hitler. Na realidade, nos primeiros momentos da campanha de Hitler pelo poder, os comunistas consideravam os social-democratas como seus principais inimigos e fizeram causa comum, nas ações grevistas, até com os nazistas. Ao poder só chegaram carreados pelo Exército Vermelho. Da população não receberam quase apoio nenhum. Em categorias históricas, os comunistas não podem falar em nome do povo sobre o qual dominam.

O quadro não é tão simples como eles o pintam. O julgamento sobre até que ponto os dois Estados alemães superam seu passado depende do estado atual de suas sociedades e das escalas de valores que representam. Certamente, pareceu, no início, que a Alemanha Oriental havia realizado uma ruptura mais radical com o nazismo, sobretudo na área educacional, embora suas depurações não tenham sido nem de longe tão rigorosas como se comprazem em apresentar. A Alemanha Oriental absorveu, além disso, uma grande mistura de elementos do passado alemão: paradas militares a passo-de-ganso, uma burocracia poderosa e onipresente, um sistema de partido único, uma imprensa sob controle, uma ideologia universalista encarnada por uma elite privilegiada e, paradoxalmente, numerosas valorações pequeno-burguesas da velha Alemanha.

Em seus primeiros momentos, a Alemanha Ocidental foi tolerante demais com ex-nazistas altamente colocados. Pagou por isso, porém, o preço do desgaste de seu renome no exterior e da alienação de muitos de seus jovens. Por outra parte, no entanto, esta ruptura menos radical com o passado garantiu a unidade de sua sociedade e a lealdade de sua população; o país viuse, então, em condições de estruturar uma sociedade democrática liberal, cujas bases e valores assinalam uma ruptura com a Alemanha nazista, pelo menos tão completa como a da Alemanha Oriental. Além disso, a Alemanha Ocidental assumiu o fardo do passado alemão e aceitou a obrigação de pagar pesadas indenizações a judeus e a outras vítimas do nazismo, enquanto o regime da Alemanha Oriental recusou-se, praticamente, a fazer outro tanto.

Como a Alemanha Ocidental, além disso, vê sua missão, preferivelmente, na reparação do que na negação do passado, teve ela, por conseguinte, condições de pesquisar, mais desapaixonadamente, o passado. Citando o presidente Scheel: – «Todas as palavras de dignidade nacional e autoconsideração se tornam vazias, se não arcarmos com o peso total – por vezes, oprimente o bastante – de nossa História. Trata-se do nosso relacionamento conosco mesmos. Somente se não esquecermos, poderemos chamar-nos, novamente, com orgulho, alemães. . . . Opomos hoje uma desconfiança instintiva a todas as formas extremistas e puramente ideológicas de Estado e de Sociedade. . . . O trigésimo aniversário do término da guerra é, para nós, ocasião de auto-análise.»

Esta concorrência entre os dois Estados alemães tornar-se-á, cada vez mais, habitual na cena internacional. Mesmo se muitas de suas realizações sejam respeitáveis, não se deve admitir que a Alemanha Oriental saia impune, com sua versão reconstruída da História alemã e com a pretensão de representar apenas o que há de bom em toda a tradição alemã. Ela tem que viver com toda a História alemã. Ela precisa arranjar-se com a tradição mista dos comunistas, com os sentimentos confusos de sua população, com a sobrevivência de tradições boas e más em seu sistema – e com a evidência de que o liberalismo alemão está forte, saudável e vivo na Alemanha Ocidental.

Transcrito com permissão do «The Times».

Hoje, eles são menos de 40.000, dos quais mais da metade emigrados da Europa oriental.

Não basta entreter boas relações com o Estado de Israel. Isto é certamente muito importante. Importante é também que estabeleçamos um relacionamento correto com nossos concidadãos judeus. Os poucos judeus que vivem em nosso meio não são israelenses, não são estrangeiros, são cidadãos alemães. Mesmo hoje, não é ainda uma decisão fácil para um judeu ser alemão e querer ficar. Nesta decisão, vibra a grande força do perdão. Sejamos gratos a eles. O destino de um alemão nunca mais deverá ser determinado pelo fato de sua ascendência judaica.

Nós aprendemos. Não apenas os políticos – nosso povo aprendeu. Nosso povo compreendeu que toda e qualquer forma de extremismo é fatal para o nosso país. Nosso povo entendeu que liberdade e equilíbrio social são melhores garantias para o futuro de um povo do que o culto do poder.

Construindo sobre esta experiência, edificamos, nos últimos trinta anos, um Estado de direito, social e liberal, até hoje inédito em nossa História. Nosso povo não marcha mais em ordem-unida – ao invés disso, temos hoje solidariedade de pessoa a pessoa, de grupo profissional a grupo profissional, sobre a qual repousa todo nosso sistema de segurança social.

Opomos hoje uma desconfiança instintiva a todas as formas extremistas e puramente ideológicas do Estado e da Sociedade. Os resultados eleitorais provam-no, sobejamente. Nós sabemos – e experimentamos – que a liberdade só pode ser preservada, se se conservar a moderação política. Os assim chamados «comitês minoritários de ação» não nos podem guiar ao caminho certo.

Assim é que, hoje, neste dia de retrospectiva grave e meditativa, podemos constatar, com orgulho, que nossa República Federal, na sua realidade liberal e social, é considerada por muitos, fora de nossas fronteiras, como digna de admiração.

Não-agressão externa e interna

Justamente porque ela se entende como um estado de direito liberal, a República Federal da Alemanha realizou, desde o início, uma política de não-agressão, tanto no exterior, como internamente. Não-agressão interna significa a soberania do direito. Nossa Lei Fundamental reforçou, como nenhuma outra Constituição alemã, o papel e a autonomia dos juízes e dos tribunais, a ponto que alguns creem que, neste particular, fez-se bem demais.

Mas, mesmo direito demais seria melhor do que só um pouquinho de direito de menos.

Não-agressão externa. A República Federal da Alemanha jamais ameaçou um outro país. Este país foi o primeiro a renunciar à posse e uso de armamentos nucleares de qualquer espécie. Este país incluiu-se, conscientemente, numa aliança defensiva e delegou a soberania nacional no comando de suas tropas.

Os tratados de não-agressão com os nossos vizinhos do Leste são a consagração jurídica internacional de um princípio, segundo o qual a República Federal da Alemanha agiu, desde o primeiro momento de sua existência.

Nesse ínterium, liberdade e direito tornaram-se, para nós, evidentes. Nisto reside todavia um perigo. A geração jovem deste Estado ignora o que seja um Estado de injustiça, no qual não exista liberdade, no qual não haja liberdade de pensar, de ouvir, de falar, de ler o que se quiser, no qual não se tenha liberdade de demonstrar. Com demasiada facilidade, nos deixamos tentar pela crença de que liberdade e direito não passam de meios agradáveis para o bem-estar social. O principal é que estejamos economicamente bem. Isto é decerto muito importante.

A paz é a meta de nossa política

É justamente no momento em que nossa situação econômica estivesse pior, que liberdade e direito conservariam toda sua dignidade e, exatamente então, é que nos deveria ficar claro que ambos constituem o próprio sentido de nosso Estado. Afinal, foram também razões econômicas que levaram ao ano de 1933. Nós pensávamos, então, que a perda de um pouco de liberdade não seria tão ruim, se com isso a situação melhorasse. Um engano fatídico, que nos levou diretamente à catástrofe.

Todos os que vivemos a guerra aprendemos dela que nenhuma nova guerra deveria recomeçar e que nossa política só poderia ter uma única meta: a paz. Este país, portanto, desenvolveu, desde o primeiro momento de sua existência, uma conseqüente política de paz. Jamais se pôs em discussão o fato de que a meta superior de nossa política fosse a paz.

A paz não foi, para nós, apenas motivo de debate; mesmo ao preço de sacrifícios, nós realizamos algo por ela, nos tratados com os países do Leste europeu. Embora os problemas existentes parecessem insolúveis, nós descobrimos regulamentações contratuais que facilitam a reconciliação e a aproximação dos povos. A colaboração pacífica entre os homens e os povos não pode ser adiada. A paz começa imediatamente ou nunca.

Nós aprendemos que a era da política de hegemonias nacionais na Europa chegou ao fim. Assim é que nosso país preconiza a união da Europa Ocidental e perseverará nesta posição, até que a obra esteja consumada. Estamos convictos, além disso, de que a solução pacífica da questão alemã só poderá advir no quadro de uma ordem pacífica da Europa, na qual ninguém necessite temer o outro.

No dia oito de maio de 1945, o mundo inteiro respirou aliviado. Todos criam que, com a derrota de Hitler, houvesse sido afastado o único perturbador da paz. Que, enfim, chegara a paz.

Nós tivemos de fazer a amarga experiência de que a guerra, mesmo depois de 1945, não havia morrido. Bastarão os dedos de duas mãos para contar as guerras feitas desde então? Passou-se, desde 8 de maio de 1945, um só dia em que nenhum tiro fosse disparado? Foram inúteis os milhões de mortos da Segunda Guerra Mundial? Será que o mundo ainda não chegou a compreender sua mensagem?

Novas tensões surgem no mundo, os polos do poder se transferem, fissuras perigosas aparecem na estrutura do mundo. Devemos desnimar? Caminhamos, irreversivelmente, para novas catástrofes? A República Federal da Alemanha não as poderia impedir. E nós, alemães, não somos chamados a ser o bedel da Humanidade. Uma experiência terrível nos dita nosso ponto de vista atual: é-nos necessário fortalecer as forças da paz, a fim de que estas dominem e vençam as forças da guerra.

Cada povo tem algo a dar aos outros povos. Este algo é mais do que meras mercadorias. Cada povo é o melhor e mais importante desta Terra, cada povo possui o mesmo direito à vida e a mesma dignidade, o mesmo direito congênito à liberdade, ao Direito e ao bem-estar.

Um novo incêndio mundial consumiria tudo. Somente a paz, a cooperação de todos com todos pode edificar um mundo justo. Este país figurará sempre entre aqueles que contribuem para os compromissos pacíficos, para o entrelaçamento dos interesses recíprocos, a fim de que reine a paz.

Trinta anos. Um curto espaço de tempo na nossa História. Contemplemos, porém, os últimos trinta anos antes de 1945 e veremos, claramente, como trinta anos podem ser longos: a Primeira Guerra Mundial, revolução, queda do Império, ocupação, inflação, os primeiros anos esperançosos da reconstrução econômica. Adveio, então, a crise econômica mundial e o fim de Weimar; Hitler até a guerra. Trinta anos: com exceção de poucos anos, não foi uma vida feliz a que levaram, em seus primeiros trinta anos de vida, os sexagenários de hoje. 1945 foi o ponto culminante. Nós estávamos não somente diante dos escombros de nossa pátria devastada, mas, também, diante da ruína das nossas próprias vidas.

. . . mas reconquistáramos a liberdade de pensar e falar!

Quase tudo em que erradamente havíamos crido e pelo que havíamos lutado fora-nos arrebatado das mãos. Apesar de tudo, havia esperança. É fato que não tínhamos o que comer nem com o que nos aquecer, mas reconquistáramos a liberdade de pensar e de falar, podíamos escutar todas as emissoras e ler os jornais do mundo inteiro; nós podíamos respirar novamente. E nós tínhamos uma missão: construir um Estado alemão que – juramo-nos – nada deveria ter em comum com o Estado hitlerista. Foi-nos necessário, no entanto, constatar, dolorosamente, que faltavam muitos dos melhores. Até o final, o regime não descansara em torturar, matar e assassinar os resistentes.

Foi, porém, o espírito destes que serviu de fundamento à edificação do nosso novo Estado. Eles eram para nós testemunhas de que o espírito de liberdade e de direito não se havia extinguido em nosso povo. Sua luta contra a tirania havia fracassado, seu holocausto nos impunha a obrigação de fazer o máximo pela liberdade, direito e unidade do nosso povo. Esta unidade, tarefa constitucional a que todos nos propomos, não pôde ser realizada. Eis aqui – confessêmo-lo – a maior dor de cada alemão que se decidira, então, a participar da construção de uma Alemanha nova e melhor.

Liberdade e Direito, porém, são uma tarefa que procuramos cumprir nesta parte da Alemanha. Os patronos da Lei Fundamental se questionavam como se chegou a Hitler, onde se situavam as falhas da Constituição de Weimar e como foi possível que um grande povo civilizado caísse nas garras de um ditador. Eles examinaram as melhores constituições do mundo, para ver como melhor se podia resguardar a liberdade e o direito. Nossa Lei Fundamental foi gerada nos sofrimentos e nas aberrações da História alemã. Esta Lei Fundamental é uma constituição profundamente alemã.

Enquanto vigorar esta Lei Fundamental, enquanto povo e Estado se mantiverem fiéis aos valores expressos nos artigos sobre os direitos fundamentais, enquanto estivermos dispostos a defender estes valores no exterior e no interior – estaremos nós, cidadãos deste Estado, correspondendo à responsabilidade de legar, à geração que nos sucederá, um Estado de direito que conte entre os mais liberais e sociais do nosso mundo. Somos nós, cidadãos, que devemos nos preocupar. Isto é evidente, pois se não for assumida por todos, a melhor das constituições jamais passará de um mero pedaço de papel.

É decisivo para o futuro da República Federal da Alemanha que cada cidadão esteja consciente do que perderia, se a Lei Fundamental não o protegesse.

Tornamo-nos mais cuidadosos? Eu creio que sim. Nós aprendemos nossa lição e cumprimos nossos dever para com a História. Nisto, reside o motivo mais profundo da admiração que este país desperta novamente no mundo. Esta admiração não é obrigatória e, nesta data, devemos conscientizar-nos de que somos amigos, hoje, de muitos países que, há trinta anos, eram nossos inimigos. Não temos direito algum a esta amizade. Nós a conquistamos, porém, na medida em que não nos esquivamos do nosso passado.

Nada disto é de posse segura. Devemos estar conscientes de que nosso país é cuidadosamente observado pelo estrangeiro e que certos acontecimentos que, em outros países, não despertariam o menor interêsse, são nervosamente registrados quando no nosso. Esta é, igualmente, uma conseqüência do nosso passado, que devemos compreender e aceitar descontraidamente, sem reagir, de nossa parte, com excesso de suscetibilidades. Perseveremos na liberdade e no direito, e tudo o mais se reduzirá e, afinal, desaparecerá.

À juventude de meu país eu gostaria de dizer, hoje, que a geração mais velha falhou, numa fase decisiva da nossa História. Há muitas razões deste fracasso, o qual poder-se-á, com esforço, se não desculpar, pelo menos compreender. Mas, esta geração também sofreu as conseqüências: sua juventude sucumbiu em guerra, fome, insegurança, tirania e, de novo, guerra, e, de novo, fome.

Nós sabemos aonde levam os fanatismos

Para vocês, mais jovens, tudo foi muito mais fácil. É muito mais fácil ser um bom democrata, quando se cresceu num ambiente democrático estável. Isto, de um lado.

Por outro, a geração mais velha deseja que lhes seja poupado, a vocês jovens, aquilo em que ela fracassou, que ela causou e sofreu. Nosso pedido a vocês é que não se deixem seduzir por demagogos e fanáticos, que sofismam, anunciando que o fim justifica os meios, que pregam a violência, que desprezam o Direito, que roubam e raptam e ferem e matam. Não lhes prestem ouvidos, por belas que soem suas palavras. Elas mentem. Nós experimentamos aonde leva o caminho que, em nome de fins ilusórios, despreza e pisoteia os interesses, anseios e necessidades dos homens. Depois do crime de Estocolmo, todo deveriam sabê-lo muito bem.

Nenhum Estado é perfeito. O nosso também não. Comparem-no, porém. Nunca foram oferecidas tantas oportunidades a uma geração alemã, como neste Estado. Os mais velhos, que, em parte, viveram três diferentes formas do Estado alemão, sabem-no.

Ajudem a fazer este Estado sempre melhor, a remover erros, elementos arcaicos e injustiças. É-lhes permitido fazê-lo, devem fazê-lo, podem fazê-lo. Este Estado merece que nos esforcemos por ele. A dolorosa experiência dos mais velhos e a desenvoltura dos mais jovens precisam agir em conjunto. Somente assim, veremos o futuro.

DEUTSCHES ALLGEMEINES
SONNTAGS BLATT
UNABHÄNGIGE WOCHENZEITUNG FÜR POLITIK WIRTSCHAFT KULTUR
HERAUSGEBER HANNS LILJE
Hamburgo, 11. Maio 1975

A visão de futuro de um velho

Como a Alemanha aprendeu democracia

por Pierre Viansson-Ponté

Estávamos em meados de maio de 1945, alguns dias após a capitulação. Como jornalista, temporariamente ainda correspondente de guerra, eu acabara de percorrer, em todas as direções, a imensa montanha de escombros que era chamada de Alemanha. Não sem dificuldades e apenas muito vagarosamente, naturalmente por causa das destruições, mas também, ainda, por causa da incrível confusão, dos refugiados famintos, dos transtornados sobreviventes, dos soldados de seis, oito, dez nações, cansados vencedores e esgotados vencidos, prisioneiros de ontem e de amanhã e presos libertados, que mal o podiam crer. E agora, no acampamento da imprensa, na periferia de Colônia, uma cidade-fantasma dominada pela silhueta fantasmagórica de sua catedral danificada, mas, paradoxalmente, ainda de pé, ouvia eu falar do futuro, em frases entrecortadas, um homem pequenino e curioso.

Longos anos advogado, conhecido por suas idéias democráticas e perseguido pelos nazistas por esta razão, ele aparecera, corajosamente, e se colocara à disposição dos ocupantes: não para os servir, mas para ajudar seus compatriotas. Eu ouço, ainda, sua voz quebradiça, sua fala hesitante, enquanto propunha, livremente, considerações filosóficas diante de alguns jornalistas, um dos quais traduzia em inglês suas declarações, frase por frase. Tentarei reproduzir aqui algumas delas, se não literalmente, ao menos quanto ao sentido.

«A ocupação de nosso país», declarou, «sua partilha não durará, em hipótese alguma, muito tempo. Duas hipóteses: ou bem recomeçará a guerra entre os países ocidentais e os soviéticos, o que é o mais provável, ou bem serlhes-á possível arranjar-se, não sem dificuldades, por alguns meses, no máximo, dois ou três anos. E, então, a ruptura será inevitável, e resultará, na falta de uma nova guerra, numa concorrência tão exasperada e dura, que um dos dois lados rapidamente perderá a guerra. Contemplem a Europa que o Exército alemão deveria ocupar durante mil anos e a França, cuja divisão em duas zonas não chegou a durar nem trinta meses!» «Não, não é isto o que me inquieta. Nem mesmo o lastimável estado do meu país. Ele pensará suas feridas, levantar-se-á e tudo isto passará mais depressa do que se pensa. E ele esquecerá. Os povos têm memória curta, para sorte nossa. Não, o que mais me inquieta é que nós, alemães, não sabemos o que é democracia. Em poucas palavras, nós não gostamos muito dela. Ela viveu tão pouco e tão mal entre nós!»

«Por outro lado, a entente entre nós e os comunistas se dissolverá no caminho da nossa punição. Dureza demasiada contra o povo alemão, demasiadas medidas de represália, um espírito de vingança – e ele se sublevará. Primeiro, secretamente, logo encontrará líderes – sempre se encontra um – para o excitar e fazê-lo marchar atrás de bandeiras vermelhas, ornadas com estrelas ou quaisquer outras. Por outro lado, se se tentar convertê-lo ou seduzi-lo, ele será esperto bastante para fingir jogar segundo as mesmas regras, sem nunca ter pensado em fazê-lo – e, então, tudo terminará do mesmo jeito. Democracia significa vinte, trinta anos de paciente aprendizado, de equilíbrio, de esforços. Nós, porém, não teremos nem mesmo cinco, nem mesmo três anos, para nos acostumarmos a ela».

«Tudo o mais pode ser superado ou já não mais depende de vós, americanos, ingleses ou franceses, que aqui me ouvís. Mas, a construção de uma Alemanha democrática e livre é nosso próprio problema. Infelizmente, os perigos são gigantescos e as chances praticamente nulas. Nisto reside a chave do futuro, do nosso futuro». Assim dirigiu-se o velho advogado de Colônia aos jovens jornalistas que éramos então. É ainda necessário lembrar que nós participávamos, quase totalmente, de suas previsões, de sua descrição pessimista do futuro? Ele encarnava experiência e sabedoria, ele estava senhor da situação. E nós, apesar da euforia de jovens vencedores, apesar de nossas ilusões, nós bem sentíamos que ele tinha razão, toda a razão.

Trinta anos se passaram. A guerra, a verdadeira, em que se morre, não explodiu novamente, se bem que a paz tenha sido constantemente ameaçada, se bem que a guerra fria a tenha encoberto por quase vinte anos. A divisão da Alemanha subsiste, ainda, um dos erros mais facilmente perdoáveis do nosso profeta. Sobre o «milagre econômico» contemporâneo da República Federal já foi dito tudo e cada viagem que faço à Alemanha, mesmo a última, há poucas semanas, fornece, apesar das dificuldades momentâneas, a prova disto.

A intervenção dos Aliados foi rude, mas, mesmo assim, o povo alemão não se sublevou. O nazismo e seus sucessores não se tornaram ousados, mesmo se, de quando em vez, se tenham manifestado. Mas, o erro mais incrível, grosseiro e, ao mesmo tempo, mais acertado do nosso velho advogado – decerto falecido neste último quarto de século – foi o de que a Alemanha jamais aprenderia a democracia.

Sem dúvida, a democracia será sempre, como a paz, frágil, relativa, ameaçada. Onde não o é? Não pertence à sua natureza a condição de imperfeição e vulnerabilidade?

»Ela é a pior de todas as formas de governo», disse Churchill, «com exceção de todas as outras».

Trinta anos de democracia: foi recuperado o atraso, previsto há trinta anos, em Colônia, pelo sábio ancião que previa o futuro, nosso futuro.

*

Dr. PIERRE VIANSSON-PONTÉ, jurista e politólogo, foi soldado, prisioneiro de guerra e membro da Resistência na França. Em 1943/44 jornalista da imprensa clandestina na França ocupada, entrou, após a guerra, para a agência de notícias AFP. De 1953 a 1957, primeiro redator-chefe do semanario «L'Express»; de 1958 a 1969, chefe da redação política do «Le Monde». Hoje, é diretor de redação, membro da chefia geral de redação e editorialista do «Le Monde», e professor de Ciências Políticas ná Sorbonne, Paris. Numerosas obras publicadas.

Quebra-cabeças com um navio

O futuro centro de atrações do Museu Alemão da Navegação em Bremerhaven será uma caravela hanseática de 600 anos de idade. Atualmente, ela é composta de novo com as milhares de peças originais da Idade Média. Para a inauguração do museu em junho, entretanto, ela ainda não estava pronta; o quebra-cabeças científico e artesanal durará ainda cerca de dois anos, até que esteja resolvido.

Telefonema para ultramar

O Correio Federal Alemão introduziu agora novas telefones de moedas, que possibilitam telefonemas para ultramar de cabinas telefônicas públicas. Além de 18 países europeus, podem ser alcançados os Estados Unidos, Canadá, Austrália, Japão, África do Sul, Israel e Hong-Kong, diretamente. Um telefonema de um minuto da República Federal da Alemanha para a Austrália, por exemplo, custa 12,50 marcos.

Ônibus Jumbo

Os aviões Jumbo para mais de 300 passageiros exigem também novas dimensões para os campos de acesso dos aeroportos. Por isso, a firma Neoplan/Auwärter de Stuttgart desenvolveu ônibus Jumbo de 13 metros de comprimento e 3,75 de largura para 150 passageiros. Os primeiros deles já trafegam nos aeroportos de Los Angeles, Filadélfia e Munique.

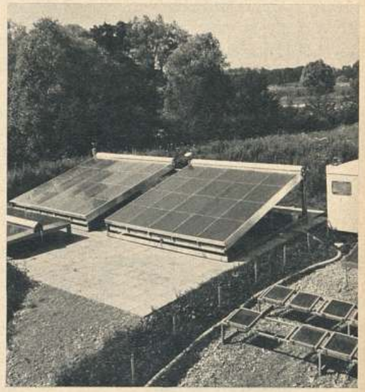
Petroleiros mamutes

Nos últimos anos, dominaram os petroleiros gigantes de 200.000 a 250.000 toneladas de capacidade, no transporte de óleos minerais sobre os mares. Segundo o Instituto para Tráfego Marítimo em Bremen, num futuro próximo, dominarão os petroleiros mamutes de mais de 300.000 toneladas. 185 destes navios foram encomendados nos estaleiros, entrando em serviço durante os próximos cinco anos; 20 deles serão construídos pelos estaleiros da República Federal da Alemanha.

Para a África do Norte

Firmas de engenharia da República Federal da Alemanha ajudam no planejamento e realização de projetos de desenvolvimento na África do Norte (Tunísia, Argélia, Líbia, Marrocos, Egito). Tratam-se preponderantemente de providências para a exploração agrária, a urbanização, para o setor viário, abastecimento de energia e industrialização. Três exemplos: a Dorsch Consult Ingenieurgesellschaft (Munique) combinou com a Argélia uma cooperação técnica de 15 anos para a melhoria da infraestrutura do país; 30 especialistas de Munique irão para aquele país. A Rhein-Ruhr-Ingenieur-Gesellschaft (Dortmund) planeja e controla a construção de fábricas na Argélia e prepara na Tunísia uma ligação de barca para a ilha de Djerba. A Agrar- und Hydrotechnik GmbH (Essen) ajuda a Argélia no aproveitamento de 6600 hectares de superfície agrária através de instalações de rega; na Tunísia, ela trabalha num projeto de irrigação, a oeste de Túnis.

Agua potável



Numa instalação de provas desenvolvida pela firma Dornier em Friedrichshafen, o calor solar é utilizado para a obtenção de água potável. As superfícies inclinadas com cinco por cinco metros estão previstas com uma tinta especial, que absorve muito bem a irradiação. O calor é conduzido para um canal de água; a água evapora e é condensada noutro lugar como água potável pura. O Ministério Federal para Cooperação Econômica (Bonn) combinou a construção de uma instalação de provas para a dessalinização de água do mar em Ácaba, no mar Vermelho, com a Royal Scientific Society da Jordânia; ela disporá de uma superfície coletora de 400 metros quadrados.

Os anciãos praticam esporte

11,6 milhões de pessoas (19 por cento) na República Federal da Alemanha têm mais de 65 anos de idade. De um inquérito em asilos resultou a averiguação espantosa, que estes anciãos praticam muito esporte, apesar de faltarem principalmente instrutores para jogos e desportos. A União Alemã de Desportos (DSB) vê-se, por isso, frente a uma nova tarefa imensa: remediar esta falta. Ela pode contar aqui com a ajuda do Ministério Federal para Juventude, Família e Saúde. A foto mostra senhoras idosas, que, sob a direção de um professor de natação reconhecido, aprendem a movimentar-se na água, conforme métodos modernos.

Postos de serviço

A rede mais densa de autopistas na Europa tem, ao lado da Itália, a República Federal da Alemanha. Nestas estradas rápidas e sem cruzamentos existe igualmente uma densa rede de 234 postos de serviço. Nem todos trazem as cores das grandes companhias petrolíferas; 37 deles são acionados por sociedades de óleos minerais médias e 20 postos de serviço não estão ligados a nenhuma empresa.

Contato com o estrangeiro

A Juventude Esportiva Alemã (DSJ) na União Alemã de Desportos festejou seu 25° aniversário. A maior união juvenil alemã, com cerca de cinco milhões de membros, apóia e fomenta também o contato desportivo de seus membros com esportistas jovens de 40 nações e mantém relações estreitas com 25 países. Ao programa mais recente pertence também a assistência esportiva aos filhos de trabalhadores estrangeiros na República Federal da Alemanha.

Vias fluviais

Os especialistas prevêem um grande futuro para a navegação fluvial da Europa: até o ano 2000, uma rede de vias fluviais deverá ligar entre si o mar do Norte e o Báltico, o Mediterrâneo, o mar Negro e o Branco. Após a Holanda, a República Federal da Alemanha é a que mais aproveita suas vias fluviais; aqui 25 por cento de todo o tráfego de mercadorias é realizado por água. O trajeto aquático é, de longe, o mais econômico. Com um litro de combustível, uma tonelada de mercadoria pode ser transportada 105 quilômetros por água, 85 quilômetros por trilhos, 24 por estradas e nem bem dois quilômetros por ar.

24 horas por dia

A Deutsche Speise- und Schlafwagen-Gesellschaft em Frankfurt no Meno, filial de 25 anos da Ferrovia Federal Alemã, cuida dos passageiros de trem na República Federal da Alemanha, 24 horas por dia, com seus 4100 empregados. Em mais de 700 trens, em 12 restaurantes de estações e nas barcas para a Dinamarca, são servidas comidas e bebidas; vagões-leitos e de repouso acompanham mais de 160 trens.

Seres petrificados

Uma paixão compiladora especial tem uma dona de casa de Berchtesgaden (Baviera Superior), Hilda Steinbach: todo seu amor é dedicado aos fósseis, seres petrificados, que habitaram há muitos milhões de anos esta região. Há quatro anos, ela encontrou, por acaso, diversos amonites (cornos de Amon = gastrópodes com casca calcárea espiralada) numa pedreira; desde então, ela os procura sistematicamente e, entrementes, já fez milhares de achados interessantes: pequenas conchas, corais, caracóis e camarões, inclusive duas carapaças de tartarugas, que viveram há 40 milhões de anos. A foto mostra a investigadora amadora com uma destas carapaças.

Carvão, combustível e o Sol

A República Federal da Alemanha e a Índia combinaram uma cooperação científica, que conduzirá agora ao primeiro projeto concreto em três campos. Na mineração, trata-se principalmente da melhoria na climatização das minas de carvão; com reservas de mais de 100 bilhões de toneladas, são exploradas atualmente 80 milhões de toneladas por ano. A utilização do carvão refere-se à hidrogenação do carvão de pedra em combustíveis. No setor de energia solar, cientistas alemães e hindus querem trabalhar conjuntamente em três projetos. No desenvolvimento de mini-geradores solares, baratos e isentos de manutenção, para regiões agrárias, na construção de refrigeradores acionados pelo Sol e no planejamento de termoelétricas solares; estas deverão fornecer energia a preços de hidrelétricas.

Escola alemã em Washington

No subúrbio de Potomac, a 20 quilômetros da Casa Branca, o Ministro de Estado no Ministério das Relações Exteriores Karl Moersch inaugurou a nova «Escola Alemã Washington». Cerca de 650 alunos, que virão diariamente com ônibus escolares desde uma área muito extensa, cursarão este instituto central para todas as classes. A escola modelo, financiada pelo governo da R. F. A., está localizada nas colinas dos arredores da cidade. Ela oferece conforto de ensino e aprendizado modernos e equipamentos adequados aos alunos, como pavilhão de natação e laboratório de idiomas, restaurante e anfiteatro, assegurando excelentes condições de estudo.

36,8 bilhões

Um balanço dos investimentos, que empresas e cidadãos da República Federal da Alemanha realizaram no estrangeiro de 1952 até hoje, produz números impressionantes: o governo federal contou nada menos de 11.230 investidores alemães, que aplicaram um total de 36,8 bilhões de marcos em outros países. Os ramos industriais, que se engajaram acentuadamente no estrangeiro, são a química, a eletrotécnica, a construção de veículos e de máquinas. As empresas alemãs participam com 10,8 bilhões de marcos nos países em desenvolvimento. Investimentos nos países desenvolvidos e projetos de mão-de-obra especialmente intensa nos países em desenvolvimento são favorecidos fiscalmente, para que sejam ampliados.

A bicicleta na estação

No guia oficial da Ferrovia Federal Alemã, não estão indicados somente os horários de todos os trens, mas, recentemente, também as estações em que são alugadas bicicletas aos passageiros da ferrovia. Em 260 estações (nossa foto: Kronberg no Taunus), estão à disposição 2215 bicicletas, para passeios em regiões de paisagem linda e ar puro. Na República Federal da Alemanha, existem 26 milhões de ciclistas e para eles foram construídos 400.000 quilômetros de caminhos para passeios.

Esporte e Arte

Devido aos seus méritos na organização do programa cultural durante os Jogos Olímpicos em Munique, no verão de 1972, Willi Daume foi agraciado com o Prêmio Cultural da Cidade de Munique. Daume, presidente do Comitê Organizador dos Jogos, tenciona destinar o montante do prêmio, 15.000 marcos, ao incentivo da arte no esporte. O programa cultural de Munique foi amplo, incluindo exposições de arte, apresentações de peças teatrais e óperas, concertos de orquestras internacionais e também peças do teatro atual a céu aberto. Uma novidade incomum foi a galeria de quadros ao ar livre, com reproduções gigantes de pinturas de artistas conhecidos, sobre temas do setor esportivo. Nossa foto: «Corrida de bicicletas», do mestre da Bauhaus, Lyonel Feininger (1871–1956). Como titulares do Prêmio Honorífico precederam a Daume: Bruno Walter, Werner Heisenberg, Carl Orff, Fritz Korner e Alexander Mitscherlich, entre outros.

Imagens de uma contemplação

Georg Muche foi considerado outrora como um abstrato radical, fascinado e influenciado pela obra de Kandinsky. Já há muito, porém, ele descobriu o caminho da harmonia: seus quadros refletem um romantismo místico, erradamente interpretado como «idílio». Trata-se, porém, antes de mais nada, da obra de um sábio ancião, imagens de uma contemplação, objetos de meditação. Nascido na Alemanha Central em 1895, Georg Muche acaba de comemorar oitenta anos na sua tranqüila residência às margens do lago de Constança. Já em 1920, Gropius convidara o então jovem pintor de 25 anos a vir para a Bauhaus de Weimar, como professor.

Censura e direito autoral

A sociedade mais antiga e tradicional da Alemanha, a União das Bolsas do Comércio Livreiro Alemão, comemora este ano 150 anos de existência. A «União das Bolsas», fundada em Leipzig, em cuja feira do livro se encontravam livreiros e editores para profícuo intercâmbio, teve por objetivo, nos primeiros decênios, a abolição da censura, a regulamentação do direito autoral e diretrizes gerais para o estabelecimento de tabelas de preços. Após a Segunda Guerra Mundial, surgiram, em Leipzig e Frankfurt/Meno, organizações independentes. A «União das Bolsas» lançou em Frankfurt/Meno uma Feira Internacional do Livro que logo se tornou famosa no mundo interior. Desde 1950, durante a Feira do Livro, a Igreja de S. Paulo de Frankfurt/Meno é testemunha da outorga do Prêmio da Paz do Comércio Livreiro Alemão.

Música pelo mundo afora

Nas escolas superiores alemãs, subsistem ainda numerosos grupos corais de estudantes, dentre os quais um que se tornou atração internacional: o Madrigal Estudantil de Münster. Seus concertos o levam desde 1949 aos cinco continentes, ao Extremo-Oriente até o Nepal e o Japão, à Austrália, neste ano ainda à África. O Madrigal já esteve cincb vezes nos Estados Unidos e por vinte vezes excursionou pela Europa. O coral aplica-se também, intensivamente, à formação musical e tem um repertório amplo, especializado em Bach e Brahms. O coral interpreta, sobretudo, motetos e madrigais, mas não exclui a música coral contemporânea. Este coro amador, consagrado pela crítica internacional, tenciona cumprir uma dupla missão, musical e política: fazer amigos no estrangeiro. O Ministério das Relações Exteriores em Bonn incentiva a atividade deste Madrigal, fundado e dirigido desde então pela cantora e professora de canto Herma Kramm.

De Schiller a Walser

Uma série de peças alemãs de teatro, cobrindo um período de quase 200 anos, consta do programa jubilar do Teatro Alemão de Hamburgo, por ocasião do seu 75° aniversário. A nova temporada começará com a representação de um drama de Schiller, à qual se seguirão «Os homens solitários», de Gerhart Hauptmann, e «Maria Madalena», de Friedrich Hebbel. Após «Santa Joana dos Matadouros», de Bertold Brecht, seguir-se-à a estréia mundial do «Jogo sujo», de Martin Walser.

Seminário de verão

Os atores dos teatros da região noroeste da Alemanha reuniram-se em Hamburgo, por uma semana, num teatro de oficina, no qual experimentaram o trabalho criativo em comum. Acompanhado por conferências científicas, este encontro deve consolidar-se sob a forma de um seminário de verão regular para o aperfeiçoamento dos atores. A Agência Federal do Trabalho de Nürnberg declarou que esta iniciativa deve ser considerada como um modelo para o desenvolvimento profissional do pessoal de teatro. Os Estados de Hamburgo, Bremen e da Baixa Saxônia colaboraram, concedendo aos participantes uma licença para estudos.

Ópera de Eurípedes e Henze

O aplauso entusiástico do público da Opera de Frankfurt/Meno consagrou a estréia da ópera de Hans Werner Henze, «As Bassáridas», uma adaptação da tragédia de Eurípedes «As Bacantes». Henze montou, com esta ópera, uma nova forma da obra já composta em 1966 e coloca-se no estilo de Strauss e Wagner. A literatura musical moderna vê, raramente, uma ópera com uma gama sonora tão diferenciada como a que Henze cria, numa composição harmoniosa de passagens expressivas e camerísticas de alta sensibilidade. Depois desta representação musical e cênica extraordinária em Frankfurt/Meno, esta obra difícil e complexa será provavelmente adotada pelos programas das temporadas de outras óperas.

«O casamento»

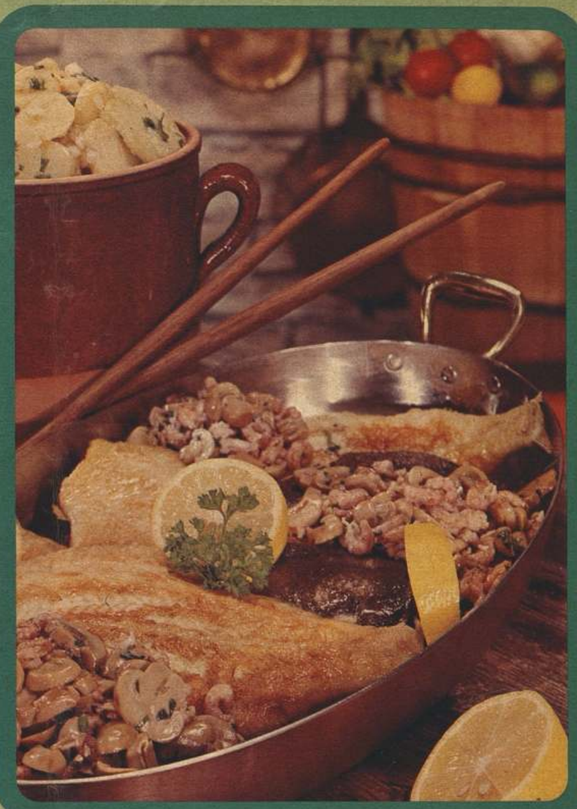
O sonho fantástico e maldoso do polonês Witold Gombrowicz, «O casamento», serviu de base para a primeira ópera do jovem compositor Volker David Kirchner, composta por encomenda do Teatro Estatal de Wiesbaden. O tratamento musical cheio de sensibilidade que Kirchner deu ao texto, que não foi alterado, e a montagem cênica adequada do diretor Kurt Horres fizeram da estréia mundial um grande êxito.

Vagas limitadas

As 450 Escolas de Música da República Federal da Alemanha estão sendo procuradas por uma quantidade pouco habitual de interessados. As listas de espera contam já com cerca de 85.000 adultos, jovens e crianças. Este interesse surpreendentemente grande pela prática musical, por um lado, e a falta de novos professores de música qualificados, por outro, levaram as escolas de música a limitar o número de vagas.

Solhas no azeite e Pudim de pão

Duas especialidades de Hamburgo



Em quase todas as regiões alemãs existem pratos que cada habitante come uma vez por ano ou numa determinada estação. Em Hamburgo são, com efeito, as solhas. Nos mercados e bancas de peixe elas são encontráveis em abundância em qualquer época do ano; mas são particularmente preferidas na primavera.

Antigamente eram os pescadores de Finkenwerder, do outro lado do Elba, que diariamente partiam para a pesca das solhas, e abasteciam a cidade hanseática. Hoje sua pesca não é mais suficiente, e cidades como Cuxhaven e Bremerhaven assumiram uma importante parcela do fornecimento. Não obstante, as solhas de Finkenwerder continuam, como sempre, proverbiais, o que, em parte, é devido também à receita local. Os pescadores de Finkenwerder assam suas solhas em toucinho. Essa forma de preparo é por vezes encontrada também na Frísia do Norte, enquanto que os frísios orientais preferem levar suas solhas ao forno na manteiga.

Os moradores de grandes cidades, modernos e conscientes de sua alimentação, tendem à utilização de um azeite de alto valor. Para Hamburgo, no entanto, isso não é novidade, pois uma receita semelhante já é aventada no «Livro de Receitas Hamburguês» de 1879. De então até o presente a receita mudou muito pouco. Antigamente se oferecia mais camarões como acompanhamento, então muito baratos, enquanto que os «champignons», hoje tão acessíveis, contavam, há cem anos, entre as especialidades raras.

Calcula-se, por pessoa, uma solha grande de mais ou menos 250 gramas. As indicações a seguir são para quatro porções: limpar as solhas, lavar bem, secar levemente e salgar. Feito isso, deixar mais uma hora na geladeira. Regar então com suco de limão e passar na farinha. Esquentar numa panela mais ou menos sete colheres de azeite e fritar os peixes de ambos os lados, até dourar. Retirar cuidadosamente, colocar numa travessa e conservar quente sobre o fogo. Colocar no azeite restante 250 gramas de «champignons» cortados em fatias com duas cebolas picadas. Mexer até que estejam refogados e temperar com sal e pimenta. Nesse meio tempo, esquentar 100 gramas de camarões numa frigideira, com um pouco de óleo e tempero-verde picado, e colocá-los então ao redor das solhas. Arrumar os «champignons» nas extremidades da travessa e enfeitar com um pouco de tempero-verde e fatias de limão.

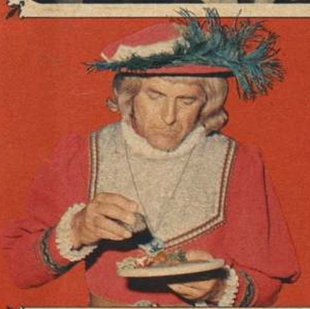
Embora hoje em dia raramente sobre pão velho em casa, um gostoso pudim de pão ainda não saiu da moda. Em lugar do pão-preto rústico, usa-se hoje em dia, de preferência, pão branco. No entanto, um verdadeiro pudim de pão hamburguês não corresponde ao ideal de calorias de nossa época.

Amolecer 250 gramas de pão branco velho num pouco de vinho tinto, mexer e misturar doze gemas. Acrescentar 50 gramas de chocolate ralado, 125 gramas de manteiga amolecida e 125 gramas de amêndoas raladas. Dar o gosto com cascas de limão raladas, canela, cravos moídos e, aproximadamente, 125 gramas de açúcar. Bater de leve as claras e misturar com a massa do pão. Untar uma forma alta com manteiga, polvilhá-la com farinha de pão preto torrado, despejar a massa e cozer no forno em fogo médio ou numa forma de pudim em banho-maria. H. Hoffmann

Como acompanhamento para solhas fritas, serve-se uma gostosa salada de batatas com cebolas, tempero-verde picado e, se se gostar, com um pouco de torresmo. – Para o pudim de pão pode-se usar bastante molho de baunilha com medula de baunilha bem moída

Convivas da Idade Média

Medievais são os candelabros, as vestimentas e o hidromel (foto acima). Já antes, o castelão havia saudado, segundo o protocolo, os nobres comensais, no pátio do castelo. Este cerimonial nostálgico inclui igualmente, a música de instrumentos antigos



O pajem com o chapéu (à esquerda) verifica com um sapo petrificado se os alimentos não estão envenenados e, em seguida, digna-se o castelão a verificar se o conteúdo do tacho sabe bem (acima)

Fotos: Günter Schindler

Até a saudação é da época. «Sede benvindos, nobres convivas, que para o banquete e festim dos cavaleiros ao nosso castelo viestes», proclama solenemente o castelão, ao atravessarem os convivas o umbral do velho castelo de Guttenberg, de 800 anos, ou quando os acolhe no pátio interno da «Hospedaria do Cavaleiro», de 400 anos, em Neckargemünd.

O senhor saído do passado chama-se Claus Fentzloff e é proprietário do maior observatório de aves de rapina da Europa, instalado no castelo Guttenberg, às margens do Neckar. É ele quem guia os convivas pagantes às degustações no castelo ou na hospedaria histórica do «Cavaleiro», na qual pernoitou, ao que consta, a Imperatriz Elisabeth da Rússia. Nestes locais, os convivas participam de um cerimonial medieval.

Ele começa já com o costume da cuidadosa ablução das mãos, para a qual se passam cuias de cobre com água. Ao mesmo tempo, a castelã sorri ternamente, como nos tempos de outrora, e impõe aos convivas uma túnica curta e colorida, chamada Tappert, «com a qual sejam cobertas as fúteis vaidades» (as roupas de hoje).

Começam então os preparativos para o «festim»: o copeiro prova o vinho e verifica que a bebida não foi envenenada e convida a todos para o alegre banquete. Aqui todos comem com as mãos, servindo-se, em caso de necessidade, do punhal gótico, e empanturram-se sem escrúpulos com as delícias culinárias, preparadas segundo as velhas receitas da «tia do castelão»: pernis de javali da grande caçarola, bolos e frutas.

Boas-maneiras à mesa não existem: os ossos podem ser jogados ao chão, apenas com o cuidado de «a ninguém ferir».

O banquete é acompanhado por música. Menestréis itinerantes – originários do Conjunto de Música Antiga de Esslingen – tocam corneta, rabeca, trompa e bordão. Todos cantam, dançam, bebem molho de carne em copas de barro e vinho em cálices talhados em pedra: o banquete passa a festim.

Noite avançada, pajens munidos de tochas acompanham os comensais até às carruagens.No mais tardar neste momento, voltamos à realidade: às carruagens são os automóveis com os quais se veio pela estreita estrada até o hotel.

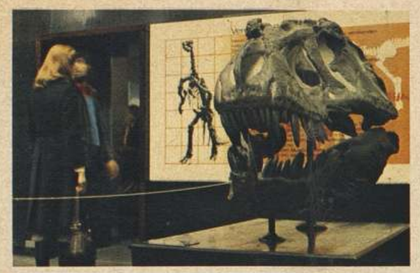
Na «Hospedaria do Cavaleiro», pode-se também comer «à la carte». Os verdadeiros conhecedores, porém, vêm para o Banquete dos Cavaleiros, utilizando a Bergstrasse, que vem de Mannheim, passando por Heidelberg e pelo vale do Neckar. É necessário, todavia, reservar com antecedência, pois muitos dos auxiliares – escudeiros, aias, pajens e menestréis – precisam ser contratados.

Os animais gigantescos da atualidade e do passado geológico estão expostos em dois pavilhões envidraçados em Senckenberg. Em primeiro plano, o esqueleto de um cervo gigante da Irlanda, montado numa estrutura de aço; ao fundo, um grupo de rinocerontes. A parede de vidro serve de suporte para as silhuetas de um avestruz e de músculos humanos

Diálogo com animais e pedras

O Museu de História Natural Senckenberg em Frankfurt/Meno

Animais vertebrados fósseis, restos de homens primitivos, pedras e minerais numa arquitetura moderna: concreto, vidro, ferro, pedras e ossos petrificados são os materiais utilizados. Fotos superiores: crânio do maior dinossauro predador da planície, o tiranossauro, e o esqueleto de um sáurio aquático, o peloneusto. Fotos do meio: o «Subsolo dos Dragões», com um ornitorrinco do cretáceo de Wyoming e o maior peixe-bola (lepidoto) do jurássico de Solnhofen. Fotos inferiores: homens primitivos e restos de homens primitivos provenientes das regiões de escavação arqueológica clássicas na Ásia, na África e na Europa, assim como estratificações minerais do mundo inteiro



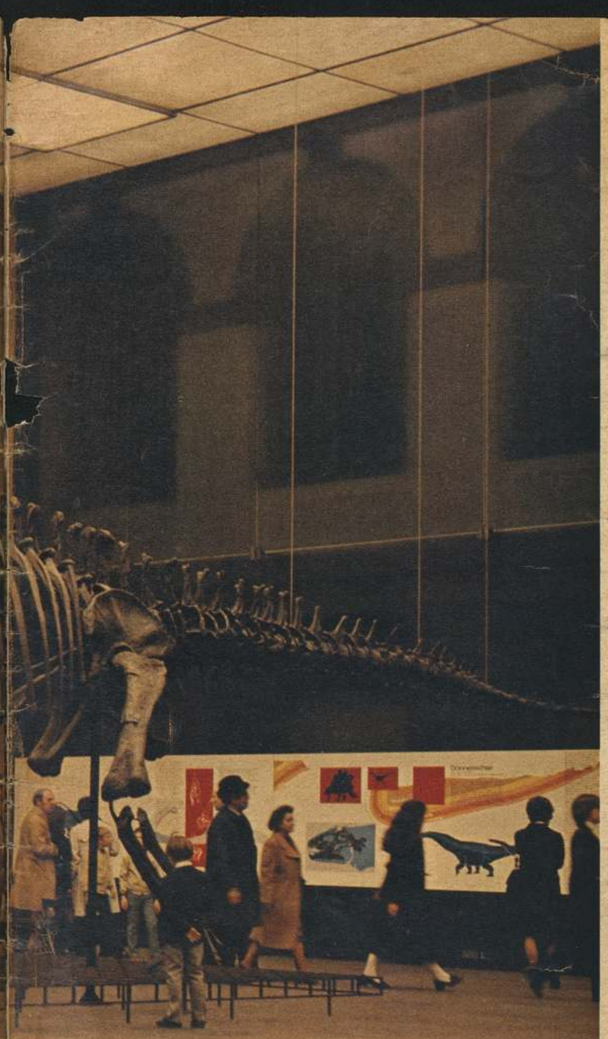
O número atual de visitantes dos museus de História Natural evidenciam de modo especial como aumentou o interesse do público por temas das ciências da Natureza – ou melhor: por testemunhas dos períodos passados da Geologia e por seres que nestas épocas viveram. Com um aumento entre sessenta e oitenta mil, o Museu Senckenberg em Frankfurt/Meno registrou um movimento anual de 250.000 visitantes. Eis aí a tendência. Mas é necessário perguntar pelo que faz Senckenberg para saciar esta sede intelectual mostrada pelas estatísticas, para atender a esse crescente interesse.

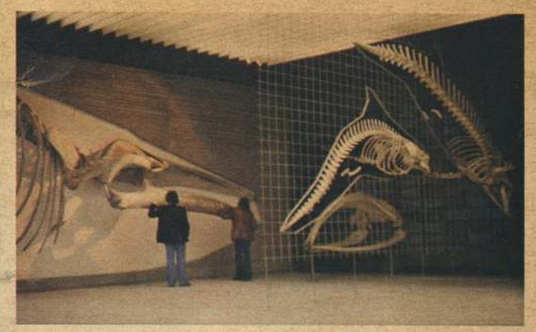
A Sociedade de Pesquisa Natural de Senckenberg, fundada em 1817, construiu em 1904, a oeste de Frankfurt/Meno, um museu. O prédio de arenito vermelho do Meno, correspondendo ao estilo da época, é espaçoso e amplo. O arquiteto Heinz E. Bläser que, 60 anos mais tarde, recebeu por tarefa a sua reforma, levou em consideração os elementos legados (e tombados pelo Patrimônio Histórico) tanto da construção como da seqüência das salas e deu a eles o caráter de modernos pavilhões de exposição. Os trabalhos de reforma começados em 1963 ainda não terminaram e incluem, além da tarefa técnica da construção, igualmente problemas de iluminação, montagem de vitrinas, preparação dos objetos e elaboração de legendas explicativas visuais e escritas para os objetos. Tudo isto implica uma estreita colaboração entre o arquiteto, o cientista, o reconstrutor, o gráfico, o gravador e o fotógrafo. A arte do museu é – como ficou claro durante estes anos – a arte de construir em sentido amplo.

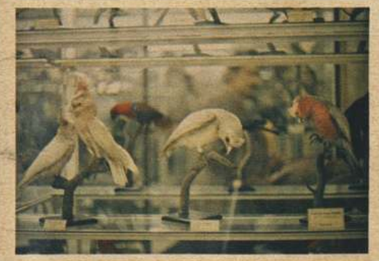
Senckenberg foi construído de tal forma, que um mesmo teto abriga coleções e temas de exposição unidos não só pela disposição espacial, como também pelo conteúdo; e as mensagens a serem veiculadas pelo museu se apoiam e complementam mutuamente, apesar da diversidade dos casos particulares. Senckenberg apresenta os seguintes setores de exposição:

Fundamentos Geológicos, mediante uma coleção mineralógica

Sobre o autor: Wilhelm Schäfer é Diretor do Instituto de Pesquisas e do Museu de História Natural Senckenberg de Frankfurt/Meno e professor honorário da Universidade de Frankfurt/Meno desde 1961. Tem publicações nos setores da Biologia Marinha, da Paleontologia Marinha, da Ecologia Fluvial e da Ecotécnica. Formado em Pintura e em História da Arte, trabalha em artes gráficas e esculturais, assim como com questões da ilustração científica: reconstrução anatômica, construção e organização de museus.







Provocar a observação ativa do visitante

No primeiro pavilhão do Museu Senckenberg estão expostos os sáurios gigantes: ou esqueletos originais, reconstituídos totalmente segundo os métodos mais recentes (diplodocus longus) ou modelos de gesso (iguanodon bernissartensis) ou ainda, em reconstituição, algumas partes imensas do corpo (brachiosaurus brancai) e crânios isolados (triceratops, tyrannosaurus, dinotherium)

que inclui as estratificações minerais mais importantes, por vezes em grandes fragmentos, dispostos em ordem, a apresentar as diferentes fases das formações rochosas e uma coleção de rochas do espaço e meteoritos, entre os quais também uma pedra lunar, presente do Presidente dos Estados Unidos à República Federal da Alemanha.

Antropologia, sobretudo história dos primatas e do homem primitivo, com uma coleção de achados cranianos da Europa, da Ásia e da África, aos quais se acrescem utensílios e fauna da época.

Zoologia: todas as famílias e classes dos vertebrados de todos os continentes e oceanos da Terra. Só uma pequena parte do acervo científico disponível está exposta.

Paleontologia: estão expostos, principalmente, os vertebrados fósseis gigantes de até vinte metros de comprimento, nas suas formas típicas e nas formas adaptadas ao mar, às estepes e às florestas do passado geológico. Ricas coleções apresentam ainda o jurássico negro (de Holzmaden) e branco (de Solnhofen e Eichstätt), o cretáceo de Wyoming, os mamíferos do Terciário e do Glaciário de Mosbach, Wülfersheim e Eppelsheim.

Sozinhas, as ossaturas fósseis não chegam a dar nenhum ensinamento, mas podem transformar-se em elementos culturais na medida em que idéias (da Anatomia Comparada, de Filogenia, de Ecologia, da apresentação visual e da expressão artística) lhes são apensas e os elevam de produto casual da natureza a um novo nível da criatividade humana. Isto quer dizer: evidenciar o valor de testemunho, reconstituir, exprimir, visualizar, gerar no visitante um pensamento imaginativo.

A mera apresentação não esgota a força de expressão dos objetos da natureza. É necessário apresentar ainda, ao lado destes, a força de expressão da arte gráfica e da imagem. Senckenberg é o único museu de História Natural do mundo que se dedica, já há anos, ao estudo dos meios de expressão das artes gráficas e tira deste estudo da ilustração científica conseqüências para o moderno museu visual (e os mestres desta especialidade são nada menos que Leonardo da Vinci, Dürer e Audubon). Os resultados deste estudo estão em todos os cantos em Senckenberg.

Quando é necessário transmitir conhecimentos e instrução de uma maneira viva e atraente, é evidente que estes conhecimentos não podem ser de segunda mão. Senckenberg compreendeu esta necessidade, já há 150 anos. Assim é que, no Museu Senckenberg, além da exposição aberta ao público, existe também o Instituto de Pesquisas Senckenberg, que se dedica à Antropologia, Geologia, Sedimentologia, Zoologia, Paleontologia e Pesquisa Marinha, com cerca de cem especialistas científicos e técnicos dedicados a estabelecer fundamentos sólidos e escolher temáticas para o Museu. Além da exposição, faz-se também a pesquisa dos fundamentos da vida e do universo; além do estático do museu, surge a aventura das viagens de pesquisa aos mares e continentes da Terra e criam-se institutos externos, ligados à problemática específica de certos locais, seja nas grandes florestas de Spessart, seja no litoral do Mar do Norte ou, ainda, na tundra do norte da Noruega.

Wilhelm Schäfer

Além dos sáurios do passado pré-histórico, há ainda as reconstituições de mamíferos hoje ainda existentes: baleias, golfinhos e pássaros. Os dois primeiros, embora originários de dois períodos geológicos totalmente diversos, mostram os mesmos princípios de constituição (acima). As fotos mostram, ao mesmo tempo, que caminho a arte expositiva seguiu nos últimos decênios. Enquanto as baleias e os golfinhos estão expostos de uma maneira que coloca em evidência a dinâmica do movimento orgânico, outras salas – como as dos mamíferos, dos pássaros e dos dioramas (fotos à esquerda) – esperam ainda por uma reorganização necessária e indispensável

Fotos: Gerhard Mursinger

ANÚNCIO

Festas na Alemanha

Por todo o país, é agora o tempo das festas: festas das vindimas ou romarias. O povo reúne-se a beber e a dançar numa alegria sem fim, pela noite adiante. Animação ali, onde as localidades são como que uma viva carta de vinhos. Alegria de viver e jovialidade acolá, onde a cerveja é particularmente apreciada: Festa de Outubro em Munique.

República Federal da Alemanha: país de Férias sem Problemas.

Informações:
Deutsche Zentrale für Tourismus
D 6 Frankfurt am Main
Beethovenstrasse 69